



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA

MÁRCIA SAVICZKI PINHO

SABERES QUE CURAM:

**Uma incursão sobre a tradução da terminologia das
plantas medicinais da comunidade Vila-que-era,
Bragança-PA**

BRAGANÇA - PA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA

MÁRCIA SAVICZKI PINHO

MÁRCIA SAVICZKI PINHO

SABERES QUE CURAM:

**Uma incursão sobre a tradução da terminologia das plantas medicinais da comunidade
Vila-que-era, Bragança-PA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Reis Rodrigues

BRAGANÇA - PA
2016

FICHA CATOLOGRÁFICA

MÁRCIA SAVICZKI PINHO

SABERES QUE CURAM:

Uma incursão sobre a tradução da terminologia das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança-PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança - como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Prof.^a. Dr.^a. Carmen Lúcia Reis Rodrigues (Orientadora)
(UFPA/ Campus de Castanhal-Pa)

Membro interno: _____
Prof. Dr. José Guilherme Fernandes
(UFPA/ Campus de Bragança-Pa)

Membro externo: _____
Prof. Dr. Elias Maurício da Silva Rodrigues
(UFRA/ Campus de Capanema-Pa)

Suplente: _____

Bragança-PA, abril de 2016

DEDICO,

Ao meu ESPOSO, José Alberto Pinho de Sousa Filho, pelo amor, dedicação, e apoio integral em todosos momentos durante esses dois anos percorridos, pois sem isso, meus passos não seriam os mesmos.

As minhas FILHAS, Laís Saviczki Pinho e Lohana Saviczki Pinho, pelo brilho que deram à minha vida e compreensão que demonstram durante minhas atividades institucional.

À COMUNIDADE VILA-QUE-ERA, pela cordialidade e presteza que sempre demonstraram, e, principalmente, pelos conhecimentos e sabedoria compartilhados para que essa dissertação pudesse ser realizada.

AGRADEÇO,

A Deus, meu Pai amantíssimo, que me guiou para a realização deste trabalho, dando-me serenidade e paz.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, pela oportunidade.

A Professora Dr^a. Carmen Lúcia Reis Rodrigues, minha orientadora, e ao Professor Dr. Elias Maurício da Silva Rodrigues, pelas imensas contribuições para a realização dessa dissertação.

Aos meus pais Rudi (in memoriam) e Carmem, aos quais devo tudo que sou hoje, que me educaram com tanta dificuldade e sempre confiaram em mim, principalmente, à minha mãe, verdadeira guerreira, que é meu exemplo de lutas e vitórias.

E, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo de tradução terminológica das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança/Pará. O termo plantas medicinais já nos alude sua significação, devido nossa cultura ainda preservar muitos traços tradicionais. Na literatura botânica, há uma grande gama de autores que procuraram defini-la. Para Campelo e Ramalho (1989), “Planta medicinal é aquela que contém um ou mais princípio ativo que lhe confere atividades terapêuticas”. Este trabalho, portanto, tem por finalidade, elaborar um glossário monolíngue, em língua portuguesa, variante brasileira, da terminologia das plantas medicinais falada popularmente na comunidade de Vila-que-era, Bragança (PA), analisando, no âmbito da Terminologia e Tradução, os saberes tradicionais em relação ao poder de cura. A Terminologia, neste trabalho, tem como meta embasar o estudo dos termos das plantas medicinais, e a Tradução contribui para a compreensão dos conhecimentos tradicionais imbricados nos termos e em torno deles, no âmbito da cura. Portanto, o foco deste trabalho é o estudo dos termos das plantas medicinais, a partir de aportes teóricos e metodológicos da Terminologia e da Tradução, fundamentado em autores como: Faulstich (1995), Larrosa (1996) e Lages (2007). O *corpus* é constituído, plenamente, de 87 (oitenta e sete) termos de plantas medicinais de Vila-que-era. Para a constituição desse *corpus* foram selecionadas, visitadas e entrevistadas 9 (nove) senhoras, sujeitos da pesquisa, residentes da comunidade. Os dados do *corpus* foram coletados entre o segundo semestre de 2013 ao primeiro semestre de 2015, com o uso de equipamentos audiovisuais, e transcritos grafematicamente segundo Fávero (1999), com o auxílio do programa Listen N Write. E esse material de pesquisa teve como finalidade a construção de um glossário. A pesquisa revelou que em Vila-que-era as plantas medicinais são os vegetais destinados a curarem não só as enfermidades do corpo, mas, também, as enfermidades da alma.

PALAVRAS CHAVE: Plantas Mediciniais. Conhecimentos tradicionais. Vila-que-era (PA). Terminologia. Tradução.

ABSTRACT

This work is a study of the terminological translation of the medicinal plants from the “Vila-que-era” community, Bragança / Pará. The term medicinal plants is already referred to its significance, because our culture still preserves many traditional features. In botanical literature, there is a wide range of authors who attempted to define it. According to Campello and Ramalho (1989), "Medicinal plant is the one that contains one or more active ingredient that gives therapeutic activities." This paper therefore, aims develop a monolingual glossary in Portuguese, Brazilian variant of the terminology of spoken medicinal plants popularly in the community of “Vila-que-era”, Bragança (PA), analyzing, under the Translation and Terminology, traditional knowledge in relation to power cure. The terminology in this paper aims to base the study of the terms of medicinal plants, and the translation contributes to the understanding of traditional knowledge imbricated under and around those terms, as part of the cure. Therefore, the focus of this work is to study the terms of medicinal plants, from theoretical and methodological contributions of terminology and translation, based on authors such as: Faulstich (1995), Larrosa (1996) and Lages (2007). The corpus consists fully of 87 (eighty-seven) terms of medicinal plants from the “Vila-que-era” community. For the establishment of this corpus were selected, visited and interviewed nine (9) ladies, the research subjects, community residents. The corpus data were collected from the second half of 2013 to the first half of 2015 with the use of audiovisual equipment, and transcribed according to Favero (1999), with the help of Listen N Write program. And this research material aimed to build a glossary. The survey revealed that in “Vila-que-era” the medicinal plants are plants intended to heal not only the diseases of the body, but also the diseases of the soul.

KEYWORDS: Medicinal Plants. Traditional knowledge. “Vila-que-era” (PA). Terminology. Translation.

LISTA DE SIGLAS

SP1	Sujeito da Pesquisa 1
SP2	Sujeito da Pesquisa 2
SP3	Sujeito da Pesquisa 3
SP4	Sujeito da Pesquisa 4
SP5	Sujeito da Pesquisa 5
SP6	Sujeito da Pesquisa 6
SP7	Sujeito da Pesquisa 7
SP8	Sujeito da Pesquisa 8
SP9	Sujeito da Pesquisa 9
Sucan	Superintendência de Campanhas de Saúde Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Localização da Vila-que-era, Bragança-PA	42
FIGURA 2	Gengibre Amarelo (modelo da apresentação dos termos no glossário)	54
FIGURA 3	Açafrão	55
FIGURA 4	Aipo	55
FIGURA 5	Afasta espírito	55
FIGURA 6	Alecrim da Angola	56
FIGURA 7	Alfavaca	56
FIGURA 8	Algodão preto	56
FIGURA 9	Anador	57
FIGURA 10	Arruda	57
FIGURA 11	Babosa	57
FIGURA 12	Begonha	58
FIGURA 13	Bem-vem-cá	58
FIGURA 14	Birra	58
FIGURA 15	Canarana	59
FIGURA 16	Catinga de mulata	59
FIGURA 17	Carrapicho	59
FIGURA 18	Cipó cabeça de nego	60
FIGURA 19	Cipó Cabi	60
FIGURA 20	Cipó Pucá	60
FIGURA 21	Cobra jararaca	61
FIGURA 22	Comigo-ninguém-pode	61
FIGURA 23	Coramina da pintadinha	61
FIGURA 24	Cumacá	61
FIGURA 25	Cundué	62
FIGURA 26	Chama	62
FIGURA 27	Chama-dinheiro	62
FIGURA 28	Chicória	63
FIGURA 29	Cravo de defunto	63
FIGURA 30	Espada de Angô	63
FIGURA 31	Espada de São Jorge	64

FIGURA 32	Esturaque	64
FIGURA 33	Folha do Abacate	64
FIGURA 34	Gengibre	65
FIGURA 35	Gengibre Amarelo	65
FIGURA 36	Goiaba araçá	65
FIGURA 37	Hortelã de dor	66
FIGURA 38	Hortelã	66
FIGURA 39	Hortelã grande	66
FIGURA 40	Hortelãzinho	67
FIGURA 41	Incenso de Nossa Senhora	67
FIGURA 42	Jacarezinho	68
FIGURA 43	Jambu	68
FIGURA 44	Japana	68
FIGURA 45	Jibóia da misteriosa	69
FIGURA 46	Jiboinha	69
FIGURA 47	Joana Darqui	69
FIGURA 48	Jurema	70
FIGURA 49	Limo	70
FIGURA 50	Liro	70
FIGURA 51	Mangueira	71
FIGURA 52	Magirona	70
FIGURA 53	Magirona da Angola	71
FIGURA 54	Manjericão	72
FIGURA 55	Manjericão Esturáquio	72
FIGURA 56	Malvarisco	72
FIGURA 57	Mastruz	73
FIGURA 58	Malva-rosa	73
FIGURA 59	Mirra	73
FIGURA 60	Mão de raposa	74
FIGURA 61	Onça	74
FIGURA 62	Orisa	74
FIGURA 63	Orquídea	75
FIGURA 64	Paregore	75
FIGURA 65	Pau-de-Angola	75
FIGURA 66	Pau-de-alho	76

FIGURA 67	Perpétua	76
FIGURA 68	Pião Roxo	76
FIGURA 69	Pião da Índia	76
FIGURA 70	Pimenteira	77
FIGURA 71	Pequinina	77
FIGURA 72	Quebra-pedra	77
FIGURA 73	Rosa	78
FIGURA 74	Romã	78
FIGURA 75	Sabugueiro	79
FIGURA 76	São Raimundo	79
FIGURA 77	Samambaia	79
FIGURA 78	Sangue-de-Cristo	80
FIGURA 79	Tajá sete facadas	80
FIGURA 80	Tajá de pena	80
FIGURA 81	Trevo	81
FIGURA 82	Urubucaaá	81
FIGURA 83	Vai-e-volta	81
FIGURA 84	Vence-tudo	82
FIGURA 85	Vergamorta	82
FIGURA 86	Verônica	82
FIGURA 87	Vique	82
FIGURA 88	Violeta	83

QUADRO 1	Perfil dos sujeitos da pesquisa	45
QUADRO 2	Informações contidas na ficha terminológica	51
QUADRO 3	Tipos de banhos	85
QUADRO 4	Finalidades do banho	86
QUADRO 5	Transmissão dos conhecimentos acerca das plantas medicinais.....	88
QUADRO 6	Cuidados com a saúde e a opção por tratamento	94
QUADRO 7	Plantas medicinais que possuem finalidades de cura de enfermidades físicas	97
QUADRO 8	Plantas medicinais que possuem finalidades de cura de enfermidades da alma	99
QUADRO 9	Plantas medicinais que possuem finalidades para ambas as enfermidades (enfermidades do corpo e enfermidades da alma) ...	99
QUADRO 10	Termos de plantas medicinais e possíveis motivações	101

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1	Transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre cultivo e uso das plantas medicinais, baseado em Kristeva	22
ESQUEMA 2	Transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre cultivo e uso das plantas medicinais, baseado em Kristeva e reformulado	23
ESQUEMA 3	Árvore de domínio	47

SUMÁRIO

	Introdução	17
1	A Linguagem como espaço da tradição do uso das plantas medicinais	20
1.1	A linguagem em sua dialética	21
1.2	Linguagem e tradição	24
2	Terminologia e Socioterminologia	28
2.1	Objetos de estudo	30
2.1.1	O Termo e a variação terminológica	30
2.1.2	Definição	32
2.1.3	Normalização terminológica	34
2.2	A construção de obras terminológicas	36
2.3	Terminologia e Tradução: uma relação necessária	38
3	Procedimentos metodológicos de levantamento e análise dos dados	42
3.1	Vila-que-era: a comunidade pesquisada	42
3.2	Público-alvo	44
3.3	Os sujeitos da pesquisa	44
3.4	Conhecimento de área e a árvore de domínio	46
3.5	Delimitação do <i>corpus</i>	47
3.6	Período da pesquisa	47
3.7	Método de investigação para levantamento dos dados	47
3.7.1	Coleta, organização e análise dos dados Levantamento dos dados.....	48
3.8	Período da organização das fichas terminológicas, do glossário e da análise dos dados	49
3.9	Critério para análise dos dados levantados	49
3.10	Critérios para a organização do glossário	50
3.10.1	Critérios para a organização da macroestrutura.....	50
3.10.2	Critérios para a organização da microestrutura	51
3.11	Apresentação dos termos no glossário	53
4	Glossário terminológico das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança (PA)	55
5	Dados levantados e análises	84
5.1	Definição de planta Medicinal	
5.2	As plantas medicinais e os conhecimentos tradicionais	
5.2.1	Enfermidade física: remédio caseiro <i>versus</i> farmacológico	93
5.3	O glossário terminológico e os conhecimentos tradicionais	97

Conclusão	104
Referências	106
Apêndices	110

INTRODUÇÃO

Não há nenhuma novidade quando se fala do interesse da humanidade pelas plantas medicinais. Durante séculos, e até milênios, o homem construiu um cabedal de conhecimentos em torno das plantas, selecionando-as de acordo com as suas funções e finalidades em suas vidas.

Desde a Antiguidade até nossos dias, o homem preserva o costume de recorrer a tais conhecimentos sobre as plantas para curar-se. Assim, ao tratar do termo plantas medicinais percebe-se que há inúmeros objetivos e interesses em seu estudo, dada a amplitude de saberes e práticas embutidos no nome de cada planta.

O interesse em compreender de que modo são intercambiados os conhecimentos tradicionais imbricados no léxico específico das plantas medicinais em Vila-que-era, Bragança (PA), tanto em relação ao poder de cura, como de sua identificação pela comunidade, foi a questão norteadora que impulsionou o desenvolvimento dessa dissertação de mestrado intitulada “Saberes que curam: uma incursão sobre a tradução da terminologia das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança (PA)”.

O desenvolvimento desta pesquisa teve como objetivo responder aos seguintes questionamentos: (1) há um léxico específico das plantas medicinais nos falares populares da comunidade Vila-que-era, Bragança (PA), que envolve conhecimentos tradicionais em relação ao poder de cura das plantas medicinais; (2) a terminologia das plantas medicinais, na comunidade Vila-que-era, Bragança (PA), é um reflexo da cultura local e regional; (3) os termos que geraram denominações para as espécies vegetais são motivadas pelas necessidades de referência dessas espécies com a função que elas exercem no campo da cura; e, (4) há também um trabalho de tradução, pelos mais velhos, no repasse desses conhecimentos aos mais jovens da comunidade investigada, como forma de facilitar esse intercâmbio.

A partir dessas perguntas foram formulados os objetivos a serem alcançados. Neste sentido, essa dissertação tem como objetivo geral elaborar um glossário monolíngue, em língua portuguesa, variante brasileira, da terminologia das plantas medicinais falada popularmente na comunidade de Vila-que-era, Bragança (PA), analisando, no âmbito da Terminologia e Tradução, os saberes tradicionais em relação ao poder de cura. E como objetivos específicos propõem-se: (1) averiguar a definição de planta medicinal para a

comunidade Vila-que-era, Bragança (PA); (2) analisar os conhecimentos tradicionais em torno do uso e cultivo das plantas medicinais na comunidade Vila-que-era, Bragança (PA); e (3) reconhecer o trabalho com a linguagem utilizada para aproximar esferas de conhecimentos no repasse desses saberes.

O procedimento metodológico para levantamento dos dados deste trabalho foi pautado em entrevistas padronizadas e não padronizadas, realizadas a partir de visitas aos quintais das informantes, a fim de se coletar dados orais referentes aos conhecimentos tradicionais das plantas medicinais e de se traçar o perfil das informantes. Os dados levantados foram transcritos e analisados com o foco Terminológico e Socioterminológico, mas com contribuições da Tradução para a construção do glossário terminológico das plantas medicinais da comunidade em questão, meta desta dissertação de mestrado.

A presente investigação, portanto, pretende contribuir com a linha de pesquisa Leitura e Tradução Cultural, do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia do Campus de Bragança/PA, por meio da produção de material para consubstanciar a construção de novos conhecimentos científicos sobre a região Bragantina (PA), especialmente, no que diz respeito aos conhecimentos tradicionais imbricados na formação de seus léxicos especializados, pois estes envolvem saberes.

Assim, esta dissertação ficou estruturada em cinco (05) capítulos. No capítulo I (A Linguagem como espaço da tradição do uso das plantas medicinais), a linguagem é abordada enquanto espaço que propicia a tradição das plantas medicinais, pois através de sua dialética ocorre a transmissão desses conhecimentos tradicionais. No capítulo II (Terminologia e Socioterminologia), são abordados os aspectos teóricos que fundamentam os estudos Terminológicos e Socioterminológicos, ou seja, os objetos de seu estudo, dando-se enfoque ao termo e à definição, como também às especificidades da construção de obras terminológicas e a construção desses conhecimentos na perspectiva social. No capítulo III (Procedimentos metodológicos de levantamento e análise dos dados), são apresentados os detalhes dos procedimentos metodológicos adotados para a construção dessa dissertação, desde a delimitação do corpus, os períodos das fases de construção, o local pesquisado, os sujeitos da pesquisa, até os métodos de investigação, levantamento e análise de dados, como também os critérios para a construção da ficha terminológica. No capítulo IV (Glossário terminológico das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança-Pa), os termos levantados e estudados são apresentados com as informações contidas na ficha terminológica. E, por fim, no capítulo V (Dados levantados e análises), são apresentados os resultados

obtidos com a pesquisa em relação aos conhecimentos tradicionais imbricados nos termos das plantas medicinais.

A organização do glossário traduzirá tais conhecimentos tradicionais para o mundo acadêmico e será como fonte de pesquisa para estudos linguísticos na área da Socioterminologia. Assim como o registro dos termos que compõem o glossário e as indicações de uso para a cura de doenças, possibilitará que outras gerações e grupos sociais tenham acesso a essa ciência, diante das transformações que a sociedade e a natureza atravessam.

Por este motivo, acredito que este trabalho contribuirá com a linha de pesquisa *Leitura e Tradução Cultural* do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia, trazendo um material de riquíssimo valor para a construção de novos conhecimentos científicos sobre a região bragantina (PA), no que diz respeito aos conhecimentos tradicionais imbricados na formação de seus léxicos específicos.

1 A LINGUAGEM COMO ESPAÇO DA TRADIÇÃO DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

O pressuposto teórico reunido e abordado aqui neste capítulo visa discorrer sobre a linguagem enquanto espaço da tradição do uso das plantas medicinais. Ao fim deste capítulo perceberemos como a linguagem funciona como veículo na transmissão da tradição das plantas medicinais na comunidade Vila-que-era em Bragança-PA.

O homem sempre se comunicou através da linguagem. E esse intrigante fenômeno que apenas o ser humano tem habilidade para desenvolver, há muito tempo, tornou-se objeto de estudo para vários teóricos. Saussure (1995) destaca-se por ser o precursor da célebre dicotomia entre língua e fala. Bakhtin (1997) por trazer muitas reflexões que formularam a teoria do enunciado. No entanto, ambos, um no âmbito do signo e o outro do enunciado, compreendem a língua como um fato social, com suas bases nas necessidades de comunicação.

Compreender a linguagem como fato social e cultural pressupõe compreender as elaborações mentais que os indivíduos realizam para expressar externamente a organização dos signos linguísticos, através da enunciação. É nesse trabalho interno que o falante mobiliza o ideológico, o social, a expressar-se enquanto materialidade linguística na formulação dos signos, através dos fonemas, grafemas, representando a própria realidade em que está imerso.

Assim, o falante imprime a um objeto da realidade ou mesmo às suas ações, significados formulados coletivamente ao longo dos tempos, através de suas experiências de vida, e busca nomeá-los de maneira que os diferencie dos demais por meio de sons e mais tarde por meio de grafemas, atribuindo a esses signos toda carga ideológica construída. Para Brandão (2004, p. 9), nesse “sistema de significação da realidade, a linguagem é um distanciamento entre a coisa representada e o signo que a representa. E é nessa distância, no interstício entre a coisa e sua representação signíca, que reside o ideológico”.

Kristeva (1969), ancorada na concepção de linguagem enquanto interação, afirma que o homem vê e trabalha com a linguagem de maneiras diferentes, dependendo da função que a mesma desempenha em cada época ou em cada civilização de acordo com seu saber, suas crenças e sua ideologia.

É, portanto, a partir dessa concepção de linguagem, como veículo cultural que se constrói a partir da interação, que comunidades tradicionais preservam ao longo dos tempos muitos conhecimentos tradicionais. Na comunidade Vila-que-era em Bragança-PA, estudada nesta pesquisa, por exemplo, os nomes das plantas medicinais carregam conhecimentos construídos ao longo dos tempos pelos moradores do local e são preservados através da interação oral entre seus membros.

1.1 A linguagem em sua dialética

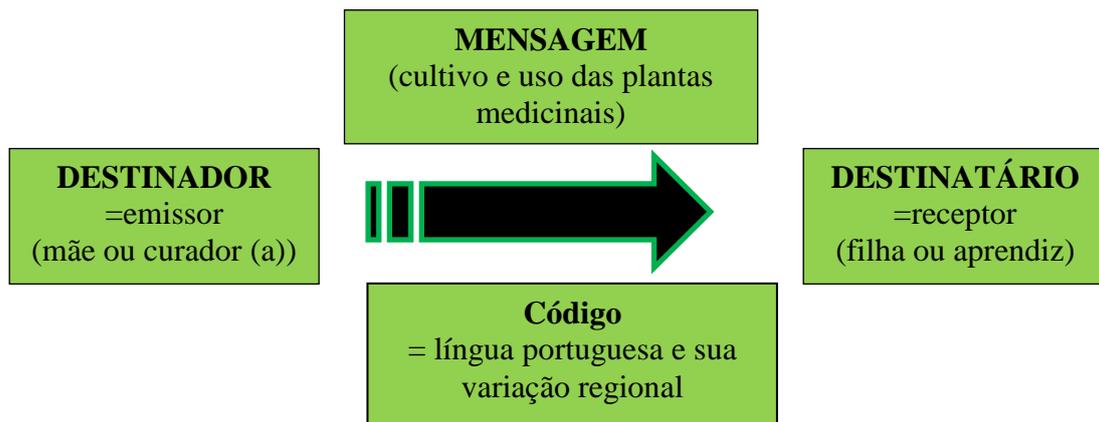
A linguagem caracteriza-se como um sistema extremamente complexo, tanto em relação a sua formulação e materialização (sons, gestos e escritas) pelo usuário da língua na interação com os demais membros, como também seu estudo, suas definições.

Ao longo desse texto serão explanados os estudos sobre a linguagem com foco na dialética, ou seja, na interação entre falantes para ocorrer a transmissão de conhecimentos.

Kristeva (1969, p. 17), define a linguagem como “uma cadeia de *sons* articulados, mas também uma rede de *marcas* escritas (uma escrita), ou um jogo de *gestos* (uma gestualidade)”. Essa definição de linguagem enfoca na maneira pela qual ela se materializa, ou seja, na maneira pela qual o homem expressa seus pensamentos, através da oralidade, da escrita ou de gestos.

Levando em consideração que a linguagem é a matéria do pensamento, e não seu instrumento, torna-se impossível pensar em uma sociedade sem o desenvolvimento de algum tipo de linguagem, pois a mesma constitui-se em elemento da comunicação social. Sendo assim, “não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação”. (KRISTEVA, 1969, p. 18)

Segundo Kristeva (1969), em discussões acerca da teoria da comunicação, para a concretização da linguagem em uma comunicação social é necessário a relação entre sujeitos falantes, em que um configura-se em destinador ou emissor e o outro em destinatário ou receptor. Abaixo, pode-se observar um esquema, baseado em Kristeva (1969), que apresenta os elementos da comunicação apresentado pela autora, relacionando-os com o seu papel na transmissão dos conhecimentos tradicionais em Vila-que-era.



Esquema 1: Transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre cultivo e uso das plantas medicinais; baseado em Kristeva (1969)

O esquema apresentado já nos traz uma leitura de como a mensagem, ou seja, as informações tradicionais sobre as plantas medicinais na comunidade Vila-que-era são transmitidas. Nesse processo de transmissão desses conhecimentos o *destinador* ou *emissor* configura-se como a mãe ou o curador e o *receptor* ou *destinatário* consiste na filha ou no aprendiz. Por meio dessa relação, a mensagem alcançará seu objetivo: sua transmissão a novas gerações e, por consequência, a preservação e continuidade desses conhecimentos na comunidade. No entanto, o esquema apresentado torna-se restrito e ineficaz para expressar as questões de continuidade nesse processo de transmissão de conhecimentos tradicionais. O esquema acima passa uma ideia de concretização e fechamento desse processo. Porém, o que se observa em Vila-que-era é que há um processo circular contínuo nesse repasse de conhecimento.

Analisando outros estudiosos da linguagem, observa-se que o esquema acima pode ser alargado e reformulado para expressar a real configuração desse repasse de conhecimentos tradicionais na comunidade estudada.

Bakhtin (1997) acrescenta nesse circuito da comunicação outro item, o diálogo. Segundo esse filósofo da linguagem, é através do diálogo, ou seja, do discurso, que a mensagem é repassada por meio de enunciados. Para ele, “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido” (BAKHTIN, 1997, p. 308). E finaliza afirmando que todo enunciado é um discurso.

Para Orlandi (1999, p. 15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Esse movimento da linguagem entre o homem e sua realidade natural, social e histórica, caracteriza o trabalho simbólico da língua expresso no discurso. Este trabalho é que permite o deslocamento e a transformação das práticas sociais em que o homem está inserido. Segundo Orlandi (1999, p. 16), “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”.

Foucault (2013) compreende que o discurso provém do próprio homem, pois este tem a capacidade de organizar seus pensamentos e expressá-los aos demais membros de uma sociedade.

Assim, tomando por base os teóricos acima citados, é possível reformular o esquema de Kristeva (1969) de modo que ilustre, de maneira mais fiel, como os conhecimentos tradicionais em Vila-que-era foram transmitidos através dos séculos, até chegar em nossos dias.



Esquema 2: Transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre cultivo e uso das plantas medicinais; adaptado de Kristeva(1969)

Esse esquema apresenta de maneira didática como ocorre a transmissão dos conhecimentos tradicionais acerca das plantas medicinais na Vila-que-era. O ciclo é contínuo em forma de espiral. O foco é a transmissão da mensagem que ocorre por meio do discurso entre destinador e destinatário. Através das informações obtidas pelas sujeitas da pesquisa, o destinador (mãe ou curador) já possui os conhecimentos sobre as plantas (mensagem sobre o cultivo) que recebera outrora. Essa mensagem será transmitida, através do discurso, por meio da língua portuguesa com sua variante local, ao receptor (filha ou aprendiz), que por sua vez, tornar-se-á destinador em outro momento. Em cada nova geração, os “personagens” nessa história da transmissão dos conhecimentos tradicionais irão sendo modificados, porém, os papéis são os mesmos (destinador e destinatário).

É, portanto, nessa relação entre emissor, mensagem, discurso, código e receptor que se efetiva a comunicação, e que a mensagem, ou seja, os conhecimentos acerca das plantas medicinais, foi sendo repassada. Esse fenômeno da linguagem ocorre no momento em que o receptor decifra, ou seja, traduz a mensagem que ouve e, depois de algum tempo, com a prática, mudando de papel, torna-se o emissor da mensagem que recebera, mas que não será totalmente a mesma, pois pode ter sofrido alguma interferência do indivíduo ou das próprias alterações do meio social. Isso ocorre justamente porque a linguagem não é estanque, ela está em um incansável movimento.

Assim, é desse modo que os conhecimentos sobre as plantas na comunidade em questão foram sendo transmitidos de uma geração para outra. A mãe ou o curador (*destinador* ou *emissor*), por serem membros mais antigos e experientes da comunidade, já receberam outrora esses conhecimentos por esse mesmo processo e os repassam por meio da conversa informal, do diálogo para os mais novos da comunidade, ou seja, as filhas ou os aprendizes interessados (*destinatário* ou *receptor*), configurando-se em um círculo contínuo como se fosse uma espiral.

1.2 Linguagem e tradição

Bakhtin (1997), compreendendo o trabalho e uso da linguagem na interação humana, afirma serem constitutivos do homem e intersubjetivos a linguagem e o pensamento. Para Vygotsky (1993, p. 45), “a associação entre pensamento e linguagem é atribuída à necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho, atividades especificamente

humanas”.No entanto, reconstituir a história e evolução da linguagem e sua relação com a tradição não é tarefa fácil, visto que, apenas a escrita deixou marcas perceptíveis que possibilitam remontar boa parte dessa história através das pesquisas arqueológicas.

No século XIX, o homem ávido pela busca do conhecimento e suas origens, formulou o método comparativo para reconstruir a história da linguagem oral. Era também a busca pela língua mãe, ou seja, a protolíngua, a língua que dera início a todos os troncos e raízes das línguas da terra.

A arqueologia, através de descobertas mais recentes, descobriu em algumas regiões da África e da Ásia restos de seres de mais de dois milhões de anos com características semelhantes aos homens modernos, que deram origem aos primeiros *hominídeos*. Essas descobertas também levantaram evidências de desenvolvimento de cultura verdadeira, depois da evolução biológica dos *hominídeos*. Para Harry Hoijer (*apud* HILL, 1974, p. 56), “culturas verdadeiras são formas de comportamento estruturado que são tradicionalmente transmitidas e cumulativas”.

Cultura para Tylor (*apud* CUCHE, 1999, p. 35) “é a expressão da totalidade da vida social do homem. Ela se caracteriza por sua dimensão coletiva. Enfim, a cultura é adquirida e não depende da hereditariedade biológica”.

Para Lara (1999), o desenvolvimento da antropologia contribuiu para a expansão da concepção de cultura, não mais ficando restritos aos povos do Ocidente, como outrora. Atualmente, o termo cultura se refere a qualquer grupo humano que compartilhe uma mesma prática social.

Com a comprovação da existência e desenvolvimento de uma cultura, através da interação, aponta-se para outro aspecto muito importante e intrínseco ao desenvolvimento cultural, a linguagem.Hoijer (*apud* HILL, 1974, p. 56) também afirma que “a linguagem é um pré-requisito óbvio da transmissão tradicional e desenvolvimento progressivo da cultura”.

Devido à falta de informações concretas sobre o início do desenvolvimento da linguagem não há como reconstituí-la; no entanto, com base nas descobertas e evidências elencadas acima,Hoijer (*apud* HILL, 1974) aponta para o desenvolvimento de uma pré-linguagem entre os *homídidás* e elabora propriedades prováveis de sua evolução.Ainda segundo esse autor, a comunicação ocorre e se manifesta a partir de sistemas de comunicação, tanto entre os seres humanos, como entre os animais. A diferença primordial, e que garantiu a evolução da linguagem humana, destaca-se na organização desse sistema; enquanto os

animais possuem repertórios fechados de chamamentos, o homem articula um sistema aberto que possibilita o desenvolvimento e evolução constante da linguagem.

Para Hoiijer (*op. cit.*), essa abertura do sistema de comunicação humana possibilitou o desenvolvimento da propriedade de *produtividade* da linguagem, pois permite que o homem crie e recrie novas palavras, e crie e preencha infinitos enunciados, de acordo com suas necessidades. Por exemplo, na comunidade da Vila-que-era há uma grande variedade de termos, ou seja, de nomes de plantas medicinais. Muitas vezes para uma variedade da mesma espécie há um acréscimo de palavra ou radical para diferenciá-la da já existente, como: **hortelã grande, hortelã de dor e hortelãzinha.**

Com o desenvolvimento e aperfeiçoamento da linguagem, o homem conseguiu deslocar acontecimentos e fatos em relação ao tempo e ao espaço, essa é outra propriedade da linguagem, o *deslocamento*. É, portanto, a conversa deslocada que permite ao homem reproduzir situações já vividas, ou mesmo projetar seus pensamentos. Essa propriedade permite, por exemplo, que os nomes de plantas e os conhecimentos em torno das plantas perpetuem-se de geração a geração, como ocorre em Vila-que-era.

A *dualidade de estruturação* é a terceira propriedade da linguagem apresentada por Hoiijer. É através dela que o homem consegue diferenciar os sons distintivos, ou seja, os fonemas que constituem uma determinada língua, e organizá-la globalmente por meio de suas combinações. Essa propriedade é que possibilita a diferenciação entre palavras a partir de sua cadeia sonora. A distinção sonora das palavras é importante para que a possibilidade de haver confusão em seus respectivos significados seja mínima. Por exemplo, as palavras **begonha** e **peconha** da flora brasileira, e, por conseguinte, de Vila-que-era se distinguem a partir dos pares fonêmicos /b/ e /p/, /g/ e /k/. Os significados dessas palavras também se diferenciam, pois a primeira pertence ao campo semântico das plantas medicinais e a segunda a outro campo distinto da flora regional.

A maneira pela qual a linguagem é aprendida e ensinada é que define a quarta e última propriedade da linguagem denominada de *transmissão por tradição*. Não é complicado compreender como essa propriedade organiza-se, uma vez que nossas vivências enquanto falantes nos confirmam o que Vygotsky (1993) já apontava em suas experiências, mostrando que as crianças desde seu nascimento já estão imersas na cultura de seu povo e aprendem os mecanismos de organização e estruturação da língua a qual estão inseridas. Para Van Seters (2008, p. 21), “a tradição é uma categoria ampla que abarca não só as formas verbais transmitidas do passado, mas também modos de ação e comportamento”, por isso, estudar

saberes culturais pressupõe adentrar em uma esfera de tradição em uma determinada cultura. Logo, tradição implica em conhecimentos transmitidos de uma geração a outra; e essa transmissão ocorre através da prática do discurso por meio da interação social da língua.

A fala deslocada, portanto, é o resultado dessa última propriedade, pois a tradição oral permite ao homem repassar aos membros mais jovens o que fora construído culturalmente ao longo da história, assim como construir novos conhecimentos que serão repassados futuramente, como ocorre na comunidade Vila-que-era, no processo de permanência da prática de cultivo e uso das plantas medicinais.

As propriedades da linguagem abordadas aqui nesse estudo representam a evolução da linguagem humana e sua relação com a tradição cultural, no entanto, não significam etapas que o homem tivesse ultrapassado paulatinamente e nem são estanques, visto que tais propriedades ainda continuam aperfeiçoando nossa linguagem e ocorrem concomitantemente.

As propriedades da linguagem discutidas aqui, confirmam as elucidações apresentadas no esquema 2, adaptado de Kristeva (1969), no item 1.1 A linguagem em sua dialética sobre transmissão dos conhecimentos tradicionais sobre cultivo e uso das plantas medicinais. O discurso dos membros mais antigos e experientes da comunidade traz em sua mensagem informações tradicionais que foram construídas ao longo dos tempos, através de experiências empíricas expressas por meio da linguagem. Tais informações contidas nessa mensagem são passadas de geração a geração, e muitas delas, ao longo do caminho, como explicitam as propriedades acima, são sujeitas a novas construções, adequações e alterações ao longo dos tempos. Por este motivo, o esquema 2 do item anterior demonstra que essa transmissão dos conhecimentos tradicionais na comunidade investigada se configura em um círculo contínuo em forma de espiral, levando a mensagem consigo e a adaptando de acordo com as intervenções sociais que irão ocorrendo ao longo do tempo.

Os estudos sobre a linguagem e a língua estão em constante evolução, principalmente em relação a questões culturais; por exemplo, os termos vêm sendo muito estudados pela Terminologia e Socioterminologia, áreas que serão mais bem explanadas no próximo capítulo.

2 TERMINOLOGIA E SOCIOTERMINOLOGIA

Este capítulo explana sobre os fundamentos teóricos e metodológicos defendidos pelas áreas do conhecimento da Terminologia e da Socioterminologia. Faz-se importante discorrer sobre o percurso da Terminologia para compreendermos a Socioterminologia como uma de suas subáreas de atuação no estudo do Termo, em cunho sociológico, foco dessa dissertação.

A revolução industrial iniciada no século XVIII impulsionou o desenvolvimento social em vários âmbitos. A partir deste século não só o comércio e a indústria sofreram avanços e transformações, todas as áreas dos saberes também foram afetadas em algum ponto. As relações internacionais se intensificaram, o que impulsionou a preocupação em se criar normas que regessem as comunicações entre países. Iniciou-se uma era de preocupação com termos especializados; de cada nova área surgida com o avanço acirrado da revolução industrial surgiam novos repertórios terminológicos.

O fato é que a Terminologia tem em seu cerne inicial, como base fundamental, ora a preocupação com a tradução, em relação ao manejo e o controle dos usos dos termos técnicos, incentivando o desenvolvimento de políticas linguísticas em alguns países e regiões, sejam bilíngues ou multilíngues, instigados por certos graus de rivalidade entre as línguas; ora com a organização e divulgação das terminologias, visando à padronização de termos técnicos-científicos, com a finalidade de facilitar a comunicação profissional entre países.

Krieger e Finato (2004) afirmam que o estudo da Terminologia, iniciado por Wüster, teve seu desenvolvimento sob várias óticas, tornando-se difícil, até certo ponto, a unicidade conceitual. Segundo as autoras “a Terminologia é um campo de estudos de caráter inter e transdisciplinar o que a leva a convocar um conjunto de saberes para a apreensão do fenômeno terminológico, por excelência, o termo, cuja essência situa-se na representação lexical do conhecimento especializado e na sua divulgação” (2004, pag. 40). Maia (2010, p. 14 *apud* COSTA, 2001, p. 6) concebe a Terminologia como “uma disciplina no seio da Linguística que estuda o comportamento das unidades terminológicas, recorrendo aos contextos e, de forma mais abrangente, aos textos em que ocorrem”. Para este estudo, no entanto, a definição apresentada por Lara é que responde com mais precisão às questões em torno da terminologia aqui investigada. Para Lara (1999, p. 39), a terminologia caracteriza-se como:

a) o conjunto de signos especializados que usa uma disciplina do conhecimento (por exemplo, a terminologia da química, da botânica, da psicanálise, da linguística) ou da atividade humana consciente de certa classe trabalhadora (por exemplo, a terminologia da agricultura, do vestuário, do manejo de uma serração) e b) estudo linguístico (científico dos signos especializados). (tradução minha)¹

Segundo Faulstich (1995), a Terminologia nem bem se constituiu enquanto disciplinas em universidades e já apresenta novas releituras. Tais releituras surgiram em decorrência do foco inicial da Terminologia ter sido apenas o termo técnico-científico com o foco puramente metodológico e normativo. Essa ideia inicial não contemplava o estudo do termo a nível social e cultural. Nesse sentido, em busca de respostas teóricas e metodológicas para a sistematização de termos e variantes, nesta área, que abrangesse os termos específicos de maneira ampla, social e cultural, e não ficasse restrita aos termos técnico-científicos, a Socioterminologia é iniciada por Jean-Claude Boulanger, em 1981, e, pode-se dizer, aprimorada por François Gaudin, a partir de 1993 (FAULSTICH, 1995).

Faulstich (1995), seguindo essa linha de raciocínio aqui no Brasil, afirma que a Socioterminologia não é um método analítico aplicado, mas, atualmente, já se pode verificar que ela é uma disciplina de caráter teórico. A autora salienta que:

Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem.

Socioterminologia, como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social (FAULSTICH, 1995, p. 2).

É dessa maneira, portanto, que Faulstich constrói e compreende o conceito de disciplina Socioterminológica. Segundo a autora (1995, p. 1), a Socioterminologia “se ocupa da identificação e da categorização das variantes Linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua”. Portanto, a natureza da Terminologia ou da Socioterminologia configura-se no estudo dos termos tanto de fontes orais, como escritas.

¹Texto original, Lara (1999, p. 39): a) el conjunto de los signos especializados que utiliza una disciplina del conocimiento (por ejemplo, terminología de la química, de la botánica, del psicoanálisis, de la linguística) o de la actividad humana conocedora de cierta clase de trabajo (por ejemplo, terminología de la agricultura, de la confección de prendas de vestir, del manejo de un aserradero) y b) estudio linguístico (científico de los signos especializados).

2.1 Objetos de estudo

A Terminologia possui uma tríade como objetos de seus estudos: o termo, a fraseologia e a definição. Nessa tríade, cada objeto estuda e projeta os conhecimentos especializados, particularmente, de seu ponto de vista. Dentre esses três objetos, termo e definição é que mais se equiparam. Entre eles há uma relação de sobrevivência, pois um não existe sem o outro. O foco desse estudo, portanto, será nesta dupla.

2.1.1 O Termo e a variação terminológica

O estudo das unidades terminológicas denota não só as análises das características linguísticas como também as extralinguísticas envolvidas na comunicação das relações humanas no âmbito das especialidades. Elas são, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 75), “simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada”. Barros (2004, p. 40) afirma que termo “é uma unidade lexical com conteúdo específico de um domínio específico”. No entanto, é importante esclarecer que para Faulstich, na visão socioterminológica, termos são:

- i. Signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- ii. Entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
- iii. Itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e diacrônico das línguas (FAULSTICH, 2006, p. 2).

Para Faulstich (2002, p. 64) a concepção de termo é abordada na socioterminologia. Segundo a autora, nesta área do conhecimento, “o termo é uma entidade do discurso independentemente de sua realização no plano sincrônico e no plano diacrônico e, por isso passível de apresentar variantes antigas e atuais”.

Portanto, não há como conceber o estudo do termo sem compreender e aceitar que o termo é uma entidade linguística que varia, tanto na diacronia quanto na sincronia,

dependendo da função assumida e desempenhada por uma unidade terminológica em determinado contexto social de uso. Nesse sentido, Rodrigues (2015, p. 69), ao realizar um estudo acerca dos postulados de Faulstich (1995a; 1996) sobre variação terminológica em contexto social de uso, afirma que a autora compreende que a sistematização das variantes do termo ocorre pela análise de sua diversidade nos *planos vertical, horizontal e temporal* da língua, ficando sua sistematização a encargo da socioterminologia. Por meio desse estudo, Rodrigues (2015) também observa que Faulstich reformulou sua teoria no que diz respeito aos critérios de classificação das variantes terminológicas. Atualmente, esses critérios ficaram divididos em três grandes grupos de variantes terminológicas: concorrentes, coocorrentes e competitivas. Dentre esses critérios, ressalta-se, para que esse estudo, que a variante concorrente ficou dividida em dois grandes grupos: variantes linguísticas e variantes de registro. A primeira subdivisão classifica-se em: variante terminológica morfossintática, variante terminológica lexical e variante terminológica gráfica; e, a segunda subdivisão classifica-se em: variante terminológica geográfica, variante terminológica de discurso e variante terminológica temporal.

Portanto, termo ou unidade terminológica e variação terminológica são os objetos em foco nos estudos teóricos e práticos de socioterminologia. Assim, os termos concretizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado, próprias de cada área específica. Nas obras terminológicas os termos especializados constituem-se em entradas dos verbetes. A forma como esses termos são tratados se diferenciam dos registros lexicográficos. Nos trabalhos terminológicos, os termos são reproduzidos em sua forma plena, ou seja, conforme a maneira como são utilizados, enquanto que, nos trabalhos lexicológicos, as entradas, quer dizer, o léxico em geral, sofrem modificações para se adequarem à norma canônica. Por exemplo, a palavra ‘pedra’ no léxico geral tem uma definição abrangente e se refere a toda e qualquer pedra, porém no domínio das plantas medicinais, na comunidade Vila-que-era, o termo **quebra-pedra** se refere à planta utilizada para curar doenças renais.

Por via de regra, para Krieger e Finato (2004), qualquer palavra pode ser um termo, mas um termo não pode ser uma palavra, quer dizer, uma palavra pode, através do processo de terminologização, ser ressignificada e passar ao patamar de termo, no entanto, esse processo inverso torna-se inviável, pois após passar pela ressignificação essa palavra passa a pertencer a um conjunto de repertório especializado. O nome **Verônica**, por exemplo, no léxico comum da língua pertence aos substantivos próprios, passando pelo processo de

ressignificação, esse nome perde seu significado e adquire outro conceito no domínio especializado das plantas medicinais; no âmbito da cura, é um termo de planta medicinal.

No entanto, percebe-se que essa linha que diferencia termo de palavra é muito tênue e é através do discurso e dos conhecimentos especializados de uma área especializada que se pode perceber essas nuances. Por exemplo, no discurso hipotético, “Verônica, pega uma **verônica** e faz um chá prá você”, fica claro que se o falante da língua não for membro de uma comunidade que possua os conhecimentos específicos das plantas medicinais, e que possua esse termo em seu repertório, esse falante não compreenderia a mensagem desse discurso.

2.1.2 Definição

Definir é algo complexo, mais complicado, ainda, se torna definir a definição. É importante, antes de tudo, esclarecer a distinção entre definição terminológica e definição lexicográfica. A primeira ocupa-se da definição do léxico especializado; e, a segunda, detém-se na definição do léxico geral.

Neste estudo, será empreendido mais esforços na definição em terminologia. A definição, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 93), no foco terminológico, particulariza-se por ser:

[...] um enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência no escopo de uma situação comunicativa profissional; veiculando, assim, conceitos de uma área de conhecimento. Nesse caso, grosso modo, definir corresponde a expressar um determinado saber, uma porção desse conhecimento especializado.

Ao adentrar o campo da definição, no âmbito socioterminológico, é impossível não se remeter à questão do termo. Essa relação termo e definição é indissociável. Não há a possibilidade de trabalhar com um e desprezar o outro. Faulstich (2002, p. 63 *apud* OTMAN, 1995, p. 17), apresenta essa relação de uma maneira muito clara: “todo conceito é um saber acerca de um objeto, todo objeto é conceptualizado por conceito; todo conceito se exprime por um signo, todo signo significa um conceito; todo signo denomina um objeto, todo objeto tem por nome um signo”.

O conceito de cada objeto é constituído a partir de sua diferença em comparação aos demais objetos pertencentes ao mesmo campo da comunicação específica. Assim, portanto, a

diferença entre os objetos é que particulariza o termo, por isso é necessário contrastá-lo com outros termos e, assim, seguir classificando-o e diferenciando-o dos demais.

A maneira de como exteriorizar, expressar o conteúdo, ou seja, o conceito de um termo ainda é muito discutido. Porém, já é compreensível que uma definição que enfoque unicamente estruturas prescritivas ou mesmo moldes redutores da definição acaba por ser insuficiente e inadequada; deixaria lacunas que seriam importantes na especificação e particularização do termo. Por isso, é muito importante ter cuidado nos cortes de informações dos enunciados com objetivo de enxugar a definição, pois se corre o risco, nesses casos, de informações relevantes ficarem de fora.

Passeggi (1992) discute as questões em torno da definição do termo, levando em consideração os aspectos semânticos e pragmáticos. Segundo Passeggi (1992, p. 1), a nível semântico “a definição não é senão um movimento de explicitação da significação”, pois o termo representa um duplo movimento: o de condensação das informações, pelo *locutor*, contida no termo utilizado, que em momento oportuno será expandida, ou seja, explicitada, pelo *alucutário*, no momento da recepção. As informações contidas e explicitadas pelos sujeitos da investigação será trabalhada pelo pesquisador, a nível pragmático, para construir a definição do termo. Assim, o autor sugere três etapas fundamentais que contribuem para a construção de um glossário socioterminológico:

- 1) **Levantamento e seleção de contextos onde aparece o termo** – no trabalho socioterminológico o contexto é a transcrição grafemática da fala do sujeito da pesquisa em que aparece a significação do termo;
- 2) **Desdobramentos dos contextos em proposições interpretantes e seleção das proposições para elaboração da definição** – os contextos destacados que representem a significação do termo serão analisados e serão retiradas todas as informações importantes e pertinentes para a construção da definição, de maneira que contemple o consulente alvo do glossário;
- 3) **Redação da definição** – a redação poderá ser “extensa” ou “reduzida”. É importante ter clareza nos passos a serem seguidos para que o glossário apresente um padrão na construção das definições dos termos abordados. O que diferencia a definição extensa da definição reduzida é o empenho de escolher, exteriorizar e elaborar as informações sobre o termo. Essa escolha também dependerá do público alvo do glossário.

2.1.3 Normalização terminológica

A história nos esclarece que os estudos terminológicos em seu início tinham a preocupação de normatizar os termos. Era uma busca pela padronização dos termos para o “bom uso”. Cabré (1999) colabora com esse estudo no sentido de esclarecer que a Terminologia passou por evolução no que tange à questão da normatização das terminologias. Atualmente, segundo a autora, quando nos reportamos às questões de normatização terminológica, não ficamos mais presos aos pontos históricos iniciais dessa ciência, pois novas investigações ao longo dos tempos alargaram os horizontes que antes se chocavam, tornando-se paradoxais. Cabré afirma ainda que essa preocupação com a normatização desses termos se tornou paradoxal, porque em meio a essas novas transformações os fatores socioeconômico e cultural se chocavam em meio à expansão da globalização, “por um lado, reforçando a necessidade de padronização como sistema de comunicação internacional; mas, por outro lado, diversificando o esquema específico e controlado da padronização”² (CABRÉ, 1999, p.11 – tradução minha).

A ideia de uniformizar informações com vista à universalização em áreas profissionais e científicas era muito bem-vinda, mas com o decorrer do tempo observou-se que cada cultura tem suas peculiaridades, abrindo um leque de diversidades. Atualmente, os estudos terminológicos não desprezam a padronização dos termos, porém os valores culturais e tradicionais passaram a ser melhor observados, investigados e valorizados.

Assim também na Socioterminologia a questão da normalização do termo foi sendo reorganizada. No intuito de contemplar as questões em torno do termo e das variações, na Socioterminologia a normalização é compreendida com a ideia de harmonização, que para Depecker significa “por em correspondência os termos uns com os outros no seio da mesma língua e entre línguas, gerenciando os seus usos” (1995 *apud* FAULSTICH, 2006, p. 2).

Dessa forma, Faulstich chama a atenção e compartilha a ideia de Auger (1984) sobre a normalização. Assim, para ambos teóricos, “o termo normalização serve tanto para designar a fixação de variedades pelas vias da auto-regulação, como para denominar a intervenção de uma organização em ordem para estabelecer a preferência de uma forma em relação a outras” (AUGER, 1984 *apud* FAULSTICH, 2006, p. 2).

²Texto original, Cabré (1999, pag, 11): “por un lado, reforzando la necesidad de la normalización como sistema de comunicación internacional; pero, por otro lado, diversificando el esquema específico y controlado de la normalización”

Para Auger (1993 *apud* FAULSTICH, 1998, p. 11) a normalização terminológica é compreendida em três sentidos:

- 1) **Normalização terminológica do tipo institucional** – é realizada por organismos oficiais e leva em consideração, também a língua oficial. Para Auger, “este tipo de normalização surge da mídia, do sistema jurídico, dos meios financeiros, dos meios educacionais etc”.
- 2) **Normalização terminológica do tipo internacional** – é realizada por organismos internacionais e obedece ao consenso dos representantes dos estados que fazem parte das entidades responsáveis por esse tipo de normalização. Tem como “missão principal normalizar "coisas", como, quantidades e medidas, tamanhos, objetos de laboratório etc”. (grifo do autor)
- 3) **Normalização terminológica** – para Auger essa normalização “é entendida como processo lingüístico de pesquisa, por meio do qual um sistema terminológico dado se auto-regula à medida que o meio visado está em fase de implantar e de difundir suas terminologias”. Esse “processo é muito mais de **harmonização lingüística e terminológica** do que de normalização, porque cabe aos pesquisadores encontrar a forma do termo, a morfossintaxe e definição adequadas às necessidades reais de implantação e de difusão”. (grifos do autor)

Essa aceção e compreensão da normalização/harmonização terminológica, buscando uma planificação terminológica nesse sentido, não restringirá aquela postura inicial de, apenas, prescrição, que, de certa maneira, tornava-se preconceituosa por conceber um termo melhor que outro.

Para Auger essa “planificação terminológica e, por consequência, a normalização/harmonização têm por fim atender às necessidades sociais e lingüísticas do meio em que as terminologias científicas e técnicas precisam ser criadas, implantadas e difundidas.” (AUGER, 1993 *apud* FAULSTICH, 1998, p. 11).

2.2 A construção de obras terminológicas

A funcionalidade das terminologias está atrelada ao papel social que a Terminologia vem desempenhando desde seu início, que, segundo Krieger e Finato (2004, p.17), corresponde à fixação e circulação do saber científico e técnico. Para Cabré (1999, p. 12), a função da terminologia é “A representação do pensamento especializado e sua transferência”³. Já Gaudin defende uma terminologia fundamentada na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das condições sociais de circulação dos termos (1993, p. 16 *apud* RODRIGUES, 2010), que é o cerne da Socioterminologia.

Sendo, portanto a Terminologia um campo de estudo em que o termo, quer dizer, o léxico especializado, e sua divulgação são sua essência, por conseguinte, sua vertente, a socioterminologia, também compreende a produção de glossários, dicionários especializados ou terminológicos e bancos de dados com vistas à identificação da relação entre língua de especialidade e sociedade. Tais obras produzidas, apesar de possuírem semelhanças, são constituídas de particularidades que as individualizam.

Para a construção de obras terminológicas, Faulstich (1995, p. 3) apresenta a base metodológica que o socioterminólogo deve assumir para validar seu trabalho:

1. **Identificar o usuário da terminologia a ser descrita** – definir o usuário é fundamental para a organização do glossário, pois as informações que deverão conter nestas obras deverão contemplar as necessidades reais do consultente.
2. **Adotar atitude descritiva** – descrever o termo com suas características próprias do contexto, levando em consideração as variantes de uso.
3. **Consultar especialista da área** – trabalhar em parceria com especialistas da área que se pretende investigar e elaborar material socioterminológico.
4. **Delimitar o corpus** – pontuar a área específica, levando em consideração a área macro, as intermediárias e as subáreas, em que o socioterminólogo se debruçará.
5. **Selecionar documentação bibliográfica pertinente** – esse ponto é fundamental para embasar teoricamente e metodologicamente o percurso do trabalho para que o resultado final seja validado.

³Texto original, Cabré (1999, p. 12) “la representación del pensamiento especializado y su transferencia”.

6. **Precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico** – antes mesmo de iniciar qualquer etapa de um trabalho terminológico o pesquisador deverá levar em consideração alguns pontos fundamentais: “quem escreve; para quem escreve; com que finalidade; em que situação de fala e de escrita o texto foi produzido; quais as condicionantes das variações linguísticas dos termos, ou das mudanças, se for o caso” (FAULSTICH, 1995, p. 3). Isso é importante para facilitar a descrição da terminologia em questão.
7. **Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica** – Faulstich (1995, p. 3) com base na linguística funcional afirma que é necessário atribuir à Unidade Terminológica Complexa (UTC) papel de predicador semântico e adotar critério de predicação sintático-semântico na delimitação das unidades terminológicas complexas.
8. **Registrar o termo e a (s) variantes do termo** – o registro dos termos deverá ser feito em uma ficha terminológica, seguindo as seguintes observações apresentadas por Faulstich (1995, p. 3):

o termo e as variantes nas dimensões oral e escrita; as ocorrências do termo na estratificação vertical e horizontal da língua; a interação entre usuários de terminologias; a dimensão discursiva do termo (usado em discurso científico, em discurso técnico, em discurso de vulgarização científica, em discurso jornalístico de língua de especialidade, em discursos que registram linguagens especiais).

9. **Redigir repertórios terminológicos** – é importante definir que tipo de obra terminológica será construída para que a organização de seu repertório atenda as exigências características da obra escolhida.

Como o foco deste trabalho é a construção de um glossário, é muito importante apresentar as características que Faulstich (1995) delinea sobre a produção de glossários. Vale ressaltar, que a escolha de um modelo ou de outro dependerá da definição do público que o mesmo será destinado:

a) Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.

b) Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.

Nota: os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia, variante(s) e equivalente(s).

c) Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência.

Nota: este tipo de glossário é útil para tradutores e intérpretes; elabora-se, normalmente, a partir de bases textuais informatizadas (FAULSTICH, 1995, p. 6).

Para que esse trabalho socioterminológico seja o mais próximo possível da realidade estudada é importante buscar princípios básicos da etnografia. Segundo Hammersley e Atkinson (1994 *apud* Faulstich 1995, p. 7), é necessário que o pesquisador adentre a vida cotidiana do sujeito da pesquisa e vivencie de maneira sutil, durante um bom tempo, situações que ele esteja investigando, para que possa fazer perguntas, ouvi-los, registrar os termos e variantes e, se necessário, esclarecer quaisquer dúvidas em torno do corpus de pesquisa delimitado. Nesse sentido, Faulstich orienta alguns procedimentos para serem seguidos:

a) as características da empresa, da instituição em que a terminologia é gerada: tipo de atividade; divisão do trabalho; rede de comunicação; frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical; impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem etc.;

b) as características do pessoal: postos que ocupam; formação profissional, especialização, qualificação; idade; condições e frequência de atualização etc.;

c) a competência e os usos linguísticos: comunicação mais falada, escrita, lida; domínio de terminologias; emprego de terminologias; consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade; desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa; difusão de terminologias por meio de obras específicas etc.; (FAULSTICH, 1995, p. 8).

2.3 Terminologia e Tradução: uma relação necessária

A expressão “tradução” é nova no mundo das ciências, e mais recente ainda é o termo tradução cultural. No início dos estudos da tradução, entendia-se por tradução apenas a passagem textual de uma língua a outra. Com a evolução desses estudos, observou-se que não se traduz apenas uma língua a outra, pois, ao fazermos isso, indiscutivelmente, ocorre a

tradução em sentido mais amplo, ou seja, a passagem de uma cultura para o conhecimento da outra.

Para Larrosa (1996, p. 301), isso ocorre porque “toda tradução, como toda comunicação e toda leitura são ao mesmo tempo transporte e transformação”⁴. No processo de traduzir, transportamos o léxico de uma língua de partida, transformando-o, quer dizer, ressignificando-o na língua de chegada.

Contribuições como esta propiciaram o alargamento do termo “traduzir”, possibilitando hoje falarmos de tradução cultural. Para Burke e Hsia (2009, p. 14), “a expressão ‘tradução cultural’ foi originalmente cunhada por antropólogos do círculo de Edward Evan-Pritchard, para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro”.

Para Lages (2007) o tradutor deve trabalhar com todo o tipo de equivalências, correspondências, e paralelos *entre* as duas línguas/culturas. Essa tarefa requer uma agudeza de percepção que ultrapassa a da maioria dos mortais. A autora chama a atenção para a importância dessa tarefa árdua do tradutor, denominada até de melancólica e considerada, até certo ponto, impossível.

O trabalho da tradução acaba por se tornar impossível para aquele que pretenda encontrar a pureza da tradução. A tradução é sempre parcial, nunca irá traduzir plenamente, sempre ficará um resquício para se traduzir, algo que escapa dos sentidos do tradutor.

Quando nos remetemos ao binômio “Terminologia e Tradução”, Krieger e Finato (2004) salientam a precisão do papel do tradutor nesta empreitada. Para as autoras (p. 68), “ao tradutor interessa um manejo terminológico competente, expresso pela adequada seleção, na língua de trabalho, dos termos equivalentes àqueles utilizados pelos especialistas na língua original”. Para isso, é necessário que esse profissional conheça e acesse repertórios terminológicos utilizados nas comunicações especializadas tanto nas relações culturais interlínguas como monolíngues. Segundo elas, as palavras desse binômio não se equivalem, têm funções e papéis diferentes, além de constituírem campos teóricos e práticos diferentes; a Terminologia tem como foco central o termo específico e a Tradução o complexo processo tradutório.

Nessa pesquisa, desenvolvida em Vila-que-era, a relação entre Terminologia e Tradução se fez necessária para que fosse possível realizar o estudo da terminologia das

⁴Texto original, Larrosa (1996, p. 301): “toda traducción, como toda comunicación y toda lectura es al mismo tempo transporte y transformación”.

plantas medicinais e por sua vez traduzir, ou seja, compreender e expressar em forma de conhecimento científico os detalhes desses saberes que estão embutidos nos termos específicos dessa comunidade, em razão de os membros da cultura em questão denominar as “coisas”, neste contexto, as plantas, de acordo com suas funções e finalidades.

Como já se pode esclarecer nos itens acima, deste capítulo, os estudos das unidades terminológicas denotam não só as análises das características linguísticas como também as extralinguísticas envolvidas na comunicação das relações humanas no âmbito das especialidades. Assim, o homem, por conseguinte, repassa toda sua bagagem de conhecimentos, compactada nos termos específicos, através da linguagem e as culturas tradicionais fazem uso da linguagem oral para esse fim.

Portanto, em busca de traduzir esses saberes tradicionais, essa pesquisa, nesse contexto, baseada nos pressupostos etnográficos de Faulhaber (2008), buscou conhecer a intimidade da cultura do outro, seu modo de pensar, de agir na ciência empírica, enfim, seus mecanismos de organização interna, para decifrá-lo e expressá-lo em conhecimento científico, em uma busca constante de harmonizar as diferentes lógicas do modo de pensar, a partir de uma constante busca de aproximação de esferas de conhecimentos.

Desse modo, ao situarmos o papel da tradução, nesta pesquisa, leva-se em conta, também, o que Geertz (2009) caracteriza como uma tentativa de decifração do sentido através da procura de aproximações, tanto em culturas de línguas diferentes como em uma mesma língua em diferentes culturas, entendida como um conjunto de sistemas simbólicos, em que a linguagem tem uma ligação estreita neste sistema, ou seja, uma ciência interpretativa, em busca do significado (Geertz, 2009).

A relação entre Terminologia e Tradução, neste trabalho, entrelaçam-se no momento em que uma área contribui com a outra na construção da terminologia das plantas medicinais na comunidade Vila-que-era. A Tradução com o enfoque antropológico contribui para a realização deste trabalho de tradução, no sentido de compreender o significado na construção do conceito dos termos das plantas medicinais da comunidade em questão. E, a Terminologia, com seu arcabouço teórico linguístico, funciona como base de apoio fundamental para a elaboração de produtos terminográficos.

Essas duas áreas, a Terminologia e a Tradução, constituem-se em dois campos de práticas e de conhecimentos, cujas identidades e propósitos específicos não se confundem e tampouco as competências profissionais se equivalem, expressando cada uma

respectivamente no fazer terminológico e no fazer tradutório, em que ora se cruzam e ora se entrecruzam nos caminhos da construção de conhecimento.

Assim, Terminologia e Tradução são áreas de conhecimentos que não se equivalem, mas essa interface é necessária quando se propõe a tradução de termos específicos de uma cultura. Nessa tarefa, as competências de ambas devem estar associadas ao tradutor/terminólogo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo será apresentado todo o percurso metodológico que possibilitou o desenvolvimento e organização dessa pesquisa, e o seu produto final, o glossário da terminologia das plantas medicinais de Vila-que-era, Bragança (Pa).

3.1 Vila-que-era: a comunidade pesquisada

A Vila-que-era (figura abaixo) fica localizada na cidade de Bragança-PA, à margem direita do Rio Caeté. Seu acesso pode ser via transporte hidroviário, por este rio, ou rodoviário, pela BR 308, dobrando à esquerda no ramal que entra para o mirante de São Benedito, seguindo cerca de 3,5km a 4km.

Figura 1: localização de Vila-que-era, Bragança-Pa



Fonte: SEPLAN (Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral)

Prefeitura Municipal de Bragança-PA

Oliveira (2008) e Siqueira (2008) remontam a história de quatro séculos do surgimento da cidade de Bragança. Eles abordam questões em que Vila-que-era, antiga Vila Cuera, faz parte dessa história centenária. Esses autores, seguindo fatos históricos, apontam que a comunidade Vila-que-era foi o primeiro povoado do município de Bragança. No entanto, os moradores mais antigos não admitem que a Vila seja chamada Vila-que-era. Para eles, essa denominação foi uma imposição dos governantes após terem colocado o marco em homenagem à Vila que indica a fundação de Bragança.

A localidade Vila-que-era é considerada, tanto por moradores locais como por historiadores, como o berço da cidade de Bragança. Segundo Oliveira (2008) e Siqueira (2008), foi no dia 17 de julho de 1613 que os franceses aportaram neste território. Siqueira (2008), remontando a história da cidade, afirma que a mesma teve como colonizadores primeiramente os franceses, expulsos do Maranhão, em seguida, os portugueses e, por último, os espanhóis, já no final do século XIX.

Essa Vila centenária, atualmente, possui cerca de 120 famílias. A maioria das residências já são construídas de alvenaria, no entanto, ainda existem umas construções que guardam as características das primeiras moradias, feitas de barro e cobertas por palhas.

A comunidade Vila-que-era pode ser considerada como tradicional, tomando-se por base, para essa denominação, as características apresentadas por Miranda & Jordão (2005, apud GALLOIS, 2000). Para esses autores, as populações que recebem tal denominação são residentes em áreas rurais e preservam vários conhecimentos tradicionais, construídos ao longo dos séculos, especificamente em relação à linguagem, justamente, devido não haver um contato linguístico mais intenso com outras culturas, como confirma Calvet (2002).

Portanto, a escolha dessa comunidade centenária como área de pesquisa se justifica pelo fato de se constituir num patrimônio cultural, ainda não reconhecido, que possui riquezas acerca dos conhecimentos das plantas medicinais, favorecendo o estudo terminológico e o registro desses conhecimentos cultivados tradicionalmente há centenas de anos.

3.2 Público-alvo

O glossário terminológico, resultado dessa pesquisa, tem como público-alvo a comunidade científica, para a divulgação desses saberes culturais. O glossário das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança (PA) é destinado, portanto, aos profissionais e estudantes da área dos estudos terminológicos e da tradução, no que diz respeito ao tratamento terminológico dado aos termos na tradução dos conhecimentos tradicionais imbricados nos termos das plantas medicinais.

3.3 Os sujeitos da pesquisa

O quadro abaixo apresenta o perfil dos sujeitos da pesquisa, ou seja, das senhoras que deram informações a respeito das plantas medicinais.

Quadro 1: PERFIL DOS SUJEITOS DA PESQUISA								
Sujeitos da pesquisa	Sexo	Idade	Naturalidade	Endereço	Escolaridade	Tempo que mora na vila	Ocupação	Tem filhos?
SP1	F	62 anos	Vila-que-era	Vila-que-era	2ª série do ensino fundamental, mas apenas assina o nome	Sempre morou em Vila-que-era	Afazeres do lar e artesã.	Sim
SP2	F	71 anos	Vila-que-era	Vila-que-era	6ª série do ensino fundamental	Morou, apenas, por um curto período na cidade de Bragança, retornando para Vila-que-era há cerca de 9 anos	Afazeres do lar e agricultora	Sim
SP3	F	62 anos	Vila-que-era	Vila-que-era	2ª série do ensino fundamental, mas apenas assina o nome	Sempre morou em Vila-que-era	Afazeres do lar	Sim
SP4	F	63 anos	Comunidade de Aciteua, próximo a Vila-que-era	Vila-que-era	2ª série do ensino fundamental, mas apenas assina o nome	Cerca de 45 anos	Afazeres do lar	Sim
SP5	F	52 anos	Camutá, próximo a Vila-que-era	Vila-que-era	4ª série do ensino fundamental	Cerca de 30 anos ou mais	Afazeres do lar	Sim
SP6	F	62 anos	Vila-que-era	Vila-que-era	3ª série do ensino fundamental	Sempre morou em Vila-que-era	Afazeres do lar	Sim
SP7	F	63 anos	Comunidade das Pedrinhas, próximo a Vila-que-era	Vila-que-era	Não se lembra até que série estudou, mas sabe assinar o seu nome	Cerca de 15 anos ou mais	Afazeres do lar	Sim
SP8	F	58 anos	Vila-que-era	Vila-que-era	4ª do ensino fundamental	Sempre morou em Vila-que-era	Afazeres do lar	Sim
SP9	F	47 anos	Vila-que-era	Vila-que-era	4ª do ensino fundamental	Por um período curtíssimo morou no Treme, próximo à Vila, e o restante do tempo permaneceu em Vila-que-era	Afazeres do lar e agricultora	Sim

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do exposto, podemos traçar o perfil das informantes. Como podemos observar, todas são do sexo feminino. Das 9 informantes, 6 têm acima de 60 anos e 3 abaixo dessa média de idade, porém acima de 40 anos; do total de informantes, 6 nasceram na própria comunidade e 3 nasceram em comunidades vizinhas; todas tiveram acesso ao ensino fundamental, porém 4 informantes, apesar de ter estudado, sabem apenas assinar o seu nome; todas tiveram filhos e se dedicam aos afazeres domésticos. Dentre elas, três mulheres além de cuidar dos afazeres domésticos possuem outras ocupações, duas são agricultoras e outra é artesã.

3.4 Conhecimento de área e a árvore de domínio

Na comunidade Vila-que-era não há nenhum órgão público ou mesmo particular que oriente ou coordene a tradição de cultivo e uso das plantas medicinais para fins de curar doenças.

A Sucan(Superintendência de Campanhas de Saúde Pública), de acordo com o Ministério da Saúde, exposto em sua página na internet, é um órgão que faz parte da Funasa (Fundação Nacional de Saúde), que atua na comunidade combatendo as endemias locais. No entanto, esse órgão não age no âmbito das plantas medicinais, mas seus agentes conhecem os moradores do local, assim como seus hábitos e costumes. E foi através de seus agentes que foi possível adentrar aos lares e aos quintais das senhoras para realizar essa pesquisa.

Como a área das plantas medicinais não é regida por nenhum órgão oficial, a área de domínio foi estabelecida pelos próprios sujeitos da pesquisa a partir de seu conhecimento sobre as plantas medicinais, suas práticas e saberes culturais vivenciados no cotidiano e repassados de geração à geração. Assim, a área de domínio das plantas medicinais ficou estabelecida da seguinte forma:

Esquema 3: Árvore de domínio

Fonte: Dados da pesquisa.

3.5 Delimitação do *corpus*

A pesquisa se delimitou a levantar e compilar um *corpus* de termos, apenas, de plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança-PA, formado a partir da fala dos sujeitos da pesquisa, através das entrevistas realizadas. Esse *corpus* tem como finalidade a construção de um glossário das plantas medicinais dessa comunidade.

3.6 Período da pesquisa

A pesquisa de campo na comunidade Vila-que-era foi iniciada em outubro de 2013. Num primeiro momento, foram realizadas visitas *in loco* para reconhecimento da área de trabalho, e, posteriormente, a partir de abril de 2014, foi feita a coleta de dados para compor o *corpus* de pesquisa, sendo concluída em junho de 2015.

3.7 Método de investigação para levantamento dos dados

Como método de investigação, para levantamento dos dados, foi utilizada a observação direta intensiva abordada por Lakatos e Marconi (2003). Esse método realiza-se por meio de observações e entrevistas. A observação é uma técnica que se vale dos sentidos humanos, ou seja, do pesquisador/observador para levantar informações a respeito de seu

objeto investigado. Já a entrevista é uma técnica que se caracteriza como encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Para Goode e Hatt (*apud* LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 195), a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação”.

Foram organizados momentos para realização de dois tipos de entrevista: a padronizada ou estruturada, em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; e a despadronizada ou não-estruturada, em que “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 196). O primeiro modelo foi utilizado para traçar o perfil do entrevistado e levantar dados etnobotânicos (ver em apêndices A e B) e o outro buscou recolher o conhecimento popular em relação à prática de cura através das plantas medicinais, assim como conhecer o trabalho e estratégias de transmissão destes conhecimentos.

Em relação à entrevista não-estruturada, foi dado enfoque à subclassificação de não dirigida, “em que há a liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 196).

3.7.1 Coleta, organização e análise dos dados, levantamento dos dados

Para os registros orais e de imagens, foram utilizados equipamentos de audiovisual como ferramentas de suporte para gravar as entrevistas e registrar os detalhes da explanação sobre as partes das plantas ou mesmo a descrição gestual das informantes sobre a indicação e uso das plantas.

As gravações tiveram como foco principal as entrevistas padronizadas realizadas com o auxílio dos questionários elaborados para a coleta do material. Ao fim da coleta de dados, foram organizadas 10 pastas de vídeos, contabilizando ao todo cerca de três horas de entrevistas. Os vídeos contêm informações relacionadas aos questionários organizados para traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa e informações etnobotânicas (ver em apêndice A e B). Das 10 pastas de vídeo, 9 pastas são de mulheres que participaram da investigação e 1 pasta

de um morador da Vila que disponibilizou informações a respeito da questão histórica e modos de vida dos moradores.

Os dados levantados foram transcritos de maneira grafemática, segundo Fávero (1999), com o auxílio do programa Listen N Write, mapeados e analisados de acordo com as perguntas contidas nos questionários (questionário para traçar o perfil do entrevistado e questionário etnobotânico) aplicados aos sujeitos da pesquisa, procurando responder aos objetivos deste trabalho.

3.8 Período da organização das fichas terminológicas, do glossário e da análise dos dados

A organização das fichas terminológicas ocorreu concomitante ao levantamento dos dados; na medida em que se fazia as transcrições dos dados, estes já iam sendo organizados nas fichas. Assim, a organização das fichas terminológicas iniciou em abril de 2014 e foi concluída em julho de 2015. A construção do glossário iniciou logo após o levantamento dos dados nas fichas terminológicas, ou seja, em julho de 2015, e foi concluída em dezembro do mesmo ano. Nesse mesmo período, foi realizada a análise dos dados levantados.

3.9 Critério para análise dos dados levantados

Os dados levantados serão analisados com vistas a selecionar os termos que comporão o glossário e construir a definição para cada termo.

A seleção dos termos levará em consideração *delimitação do corpus*, apresentado por Faulstich (1995, p. 3), que consiste em “pontuar a área específica, levando em consideração a área macro, as intermediárias e as subáreas, em que o socioterminólogo se debruçará”. Portanto, como esse corpus se constituirá em termos, plenamente, de plantas medicinais, os dados serão analisados para selecionar os termos de plantas medicinais informados pelos sujeitos dessa pesquisa.

Para a construção da definição de cada termo, os dados serão analisados, levando em consideração o embasamento teórico e metodológico apresentado por Jakobson (2010, p. 81), sobre a tradução *intralingual ou reformulação* [reworing], que “consiste na interpretação dos

signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”, e Lages (2007), que considera necessário no trabalho de tradução o tradutor buscar todo tipo de equivalências, correspondências, e paralelos *entre* as duas línguas/culturas.

3.10 Critérios para a organização do glossário

O glossário tem seus verbetes organizados de acordo com a macroestrutura e microestrutura predefinidos como segue:

3.10.1 Critérios para a organização da macroestrutura

A macroestrutura, segundo Pontes (2009), diz respeito ao conjunto de entradas organizada no glossário em paradigma vertical. Esse glossário, portanto, é constituído plenamente por termos de plantas medicinais e está organizado verticalmente da seguinte forma:

- **Ordenação das entradas** - as entradas serão apresentadas em ordem alfabética contínua, sem levar em conta espaços em branco, caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos, segundo Barros (2004, p. 152)
- **Remissão (relações de homonímia e polissemia)** – a remissão dos termos será através de entradas distintas e por marcação subsequentes
- **Entrada apresentada por variantes** – de acordo com Rodrigues (2015, p. 133), “todas as variantes terão entradas independentes, mas farão remissões à entrada-principal por meio da expressão ‘*ver entrada principal*’. Denominamos de entrada-principal àquela em que traz a definição do termo e aponta para as variantes por meio da expressão ‘*variantes*’.

3.10.2 Critérios para a organização da microestrutura

A microestrutura, segundo Pontes (2009, p. 95) “consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenadas e estruturadas, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”.

Para a construção do glossário terminológico das plantas medicinais foram preenchidas informações referentes a cada planta individualmente, a partir da ficha terminológica. Para tanto, a organização da microestrutura seguiu um modelo apresentado por Faulstich (1995), conforme o esquema abaixo.

Quadro 2: INFORMAÇÕES CONTIDAS NA FICHA TERMINOLÓGICA
Entrada + categoria gramatical + campo semântico± variante + definição + contexto + fonte do contexto± nota ±imagem

Seguindo a ordem dos itens que compõem a ficha, será exposto o papel de cada um na apresentação das informações referentes a cada planta.

A **entrada** é o próprio termo das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, conforme discorrido no item: 2.1.1 (O Termo e a variação terminológica).

A **categoria gramatical** é a “indicação morfológica mínima do termo em seu contexto de uso” (RODRIGUES 2015, p. 126). Nesse glossário a categoria gramatical se organiza e é representada pelas seguintes abreviaturas:

- sm. (substantivo masculino);
- sf. (substantivo feminino);
- stm. (sintagma terminológico masculino);
- stf. (sintagma terminológico feminino).

Os sintagmas terminológicos são “termos complexos característicos da linguagem de especialidade”, segundo Faulstich (2002 *apud* Rodrigues 2010, p. 110). Na pesquisa foram levantadas algumas formações sintagmáticas, destacam-se as seguintes, como exemplo:

Hortelã grande (Substantivo + adjetivo);

Catinga de mulata(substantivo + preposição + substantivo);

Chama-dinheiro(verbo + substantivo);

Malva-rosa(substantivo + substantivo);

Vence-tudo(verbo + advérbio);

Incenso de Nossa Senhora(substantivo + preposição + pronome possessivo + substantivo).

O **gênero gramatical** de cada planta, também é apresentado pelas seguintes abreviaturas:

- **m.:** para os termos de gênero gramatical masculino;
- **f.:** para os termos de gênero gramatical feminino.

O **campo semântico** indica a relação de finalidade de uso da planta ao seu poder de cura, tanto de ordem física, espiritual ou ambas as finalidades. Para cada campo conceitual foi atribuído as seguintes siglas:

- **[PCEF]:** plantas para curar enfermidades físicas;
- **[PCEA]:** plantas para curar enfermidades da alma;
- **[PCEFA]:** plantas que possuem ambas finalidades.

A **variante** é uma denominação que concorre com outra na nomeação de um dado termo, conforme discutido no item: 2.1.1 (O Termo e a variação terminológica).

A **definição**, de acordo com o que foi apresentado no item: 2.1.2 (Definição), expressa o saber embutido em um dado termo de uma área específica, no caso desse glossário, plantas medicinais da Vila-que-era.

O **contexto** é o fragmento da transcrição em que a informante se refere à finalidade do termo, ou seja, da planta medicinal utilizada em Vila-que-era.

A **fonte do contexto** é a identificação do sujeito da pesquisa que forneceu as informações sobre a planta. No glossário deste trabalho, a identificação será por meio de codificação. Assim, a codificação ficou organizada da seguinte forma: **SP1, SP2, SP3, SP4, SP5, SP6, SP7, SP8 e SP9.**

A **nota** apresenta informações complementares (explicações e dados gerais), não inseridas na definição, que ajudarão no entendimento do termo, quando necessário. A palavra nota deve vir em negrito, seguida de dois pontos e fonte 10, segundo Rodrigues (2015, p. 108).

Além desses dados terminológicos, a ficha apresenta a **imagem** da maioria das plantas medicinais registradas.

É importante, também, observar na organização dos dados da microestrutura que o sinal diacrítico (+) indica que o referente dado obrigatoriamente aparecerá no corpo do glossário, enquanto que, o sinal diacrítico (±) indica uma possibilidade de ocorrência, quer dizer, em algumas situações ocorrerá e em outras não.

3.11 Apresentação dos termos no glossário

É muito importante a apresentação boa e clara dos termos no glossário, para que o mesmo se torne funcional, facilitando a pesquisa do consulente.

Como já foi dito acima, os termos foram distribuídos em ordem alfabética. A chamada de cada letra do alfabeto será em fonte arial black de tamanho 45 alinhado à direita.

A entrada será apresentada em fonte arial black de tamanho 20.

A categoria gramatical, gênero gramatical, campo semântico, variação, definição e contexto serão em fonte time new roman, todas de tamanho 12, exceto a nota que será tamanho 10 da fonte. O campo semântico será apresentado entre colchetes, a variante em itálico, representado pela abreviação “*Var.*”, o contexto entre aspas, destacando o termo citado na fala do sujeito da pesquisa, e a fonte do contexto entre parênteses.

Abaixo, o termo **Gengibre amarelo** foi tomado, por exemplo, de como os termos serão apresentados no glossário.

G,g

Gengibre Amarelostm. [PCEF]: Planta que possui raiz amarela e é utilizada em forma de chá para curar a hepatite.

Var. Açafoa

“quando tá cum patiti é só tomá u chá da raiz dessa planta i acaba a patiti na hora ó... eli é cunhaidu di nomi <gengibri amarelu> i açafoa” (SP1)



4 GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DAS PLANTAS MEDICINAIS DA COMUNIDADE VILA-QUE-ERA, BRAGANÇA-PA

A,a

Açafroasf.[PCEF]: Planta que possui raiz amarela e é utilizada em forma de chá para curar a hepatite.

Var. gengibre amarelo

“<açafroa>é um <gengibri amarelu>ó – tem dois nomes... tem gengibre amarelu i tem açafroa ó”
 “põim di molhu quando tá cum patiti prá toma u chá... acaba a patiti na hora ó” (SP1)



Aiposm.[PCEFA]: Planta indicada tanto para banho e massagens para sequelas do derrame, e para banho de cabeça para dor de cabeça. É usada também como banho em torno da casa para tirar mal olhado.

“essi aqui é u <aipu>... ó::”
 “issu... eli é muito bom também prá negóciu di derrami ... prá dô di cabe::ça:: é a mesma função du otru” (SP4)



Afasta espíritostm.[PCEA]: Planta indicada tanto para ter no quintal como para fazer banho para afastar espírito de perto da pessoa e da sua casa.

“essa aí si dá u nomi dela di <afasta espritu>”
 “quandu passa ispritu pertu elas ficam assim ... diz qui us ispritu vem aí prá pegá elas prá fazê ba::nhu::” (SP9)



Alecrim da Angola^{stm.}[PCEFA]: Planta indicada como banho de cabeça para derrame e para mau-olhado.

“essa é a <alecrim da angola>”

“eli servi prá banhu di cabe::ça:: assim pá mau-olha::du::... pá doença apanha::da::... tudu isso eli servi”(SP6)



Alfavaca^{sf.} [PCEF]: Planta utilizada em forma de banho de cabeça para soltar o catarro; e sua raiz é utilizada em forma de xarope para gripe e bronquite.

“essi aqui é u <favaca>”

“fais banhu também... quando a genti tá cum gripi a genti soca ela prá lavá a cabeça prá chá também soltá u catarro todinho” (SP3)

“é <favaca>”

“a raiz dela vai im xaropi... a folha... tudu vai im xaropi... prá gripi ... prá bromquiti... tem uma bronquiti qui tem uma tossi... tossi ... tossi né? ela cura” (SP1)



Algodão preto^{stm.} [PCEF]: Folha utilizada no tratamento de pneumonia em forma de sumo para ser ingerido e no tratamento de inflamações no útero como banho de sentar.

“essi otru aqui é u pé di <agudão>”

“olha u sumu da folha de::la é bom prá pnemuni::a com piula estupor”... “olha tinha uma moça ela caiu né? ela si bateu cum muito forti a desceu u uteru dela sa::bi:: aí a genti tirô u sumu dessa pranta aqui sabi... e eli é travosu travosu e aí põem numa bacia e manda a pessoa sentá... eli recolhi na hora... eli é um remédiu santu né?” (SP1)



Amapazeiro^{sm.} [PCEF]: Planta da qual se extrai o leite para alívio da dor de estômago.

“u leiti di amapa servi prá quando tá com uma dô di estomago”

“cum leiti di amapá ... só qui não tem comu eu ti dizê ondi é a árvore do <amapazeru> porque é muito longi daqui... é na mata” (SP3)

Anador^{sm.} [PCEF]: Planta utilizada como chá ou como



lambedor para dor e febre.

“por que u <anadô> ... comu eu falei é bom pá dô i pá feбри né?” (SP5)

Arrudasf.[PCEFA]: Planta indicada tanto como banho de cabeça, massagem e chá para sequelas do derrame, gripe, dores nas pernas e cefaleia, como também banho para tirar mal olhado. A planta ainda é passada pelo corpo, de maneira rápida, indo da ponta do pé até a cabeça, para limpar a alma, retirando os maus espíritos e as más energias.

“ó ... essa aqui é a <arruda>”

“prá tudu quantu é remédiu também... fais u banhu prá dô di cabeça também ... fais u chá... soca prá fazê isfreção... servi também prá banhu prá tirá u mau-olhadu” (SP3)



B, b

Babosasf. [PCEF]: Planta utilizada como xarope ou lambedor para gastrite, próstata e gripe.

“olha essa é a <babosa>”

“prá dô di istomagu pa gastrite pa varias doença né? ela servi também - pa prosta tem um homi aqui di trais qui eli tomô pa sará da prosta i sarô” (SP6)

Nota: a baba da sua palma cortada ao meio também pode ser colocada em cima de local inchado.



Begonhasf. [PCEF]: Planta utilizada como chá para limpar o organismo.

“<begonha> ... begonha é o nomi dela”

“u chá <dela> servi prá pessoa tomá prá limpeza du organismu dela da/da pessoa” (SP2)



Bem-vem-cástm. [PCEA]: Planta utilizada como banho de descarrego para mal olhado e para quem está enfeitado.

Var. cumacá

“essa é a <bem vem cá>”

“é::... ela é bom prá banhu também ... prá quem tá infeitiça::du:: ... sarube ... qualqué coisa podi esfregá a folha dela i fazê u banhu” (SP2)



Birrasf.[PCEF]: Planta utilizada em forma de chá para derrame e problemas do coração.

“é muito boa prá derrami i coração também né? fais u chá dela”

“é a sinhora qui planta <birra>aqui?... á:: olha ... pelo amor di deus (risos) qui eli é tipu a folhinha da birra né? e eu achu qui é birra mesmu... mas não podi dizê né? (SP7)

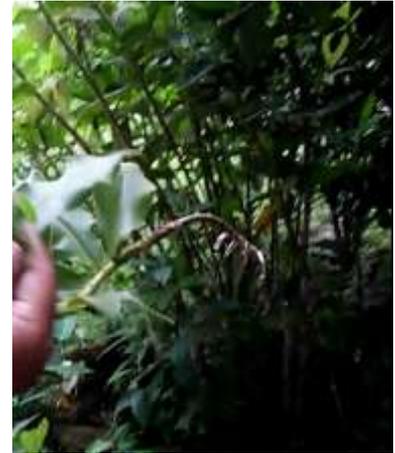


C, c

Canaranasf. [PCEF]: Planta utilizada como chá para problema renal.

“essa aqui é a <canarana>”

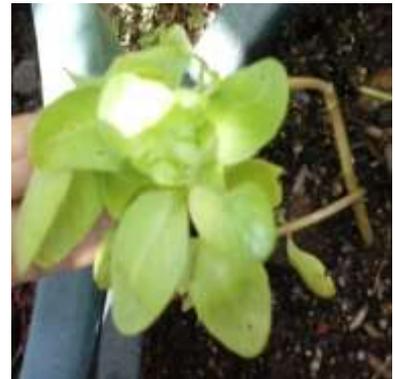
“é pa:: privação di urina... toma cum aquela quebra pedra” (SP8)



Catinga de mulatasf. [PCEF]: Planta indicada para massagens, podendo ser utilizado o seu sumo puro ou misturado ao álcool, para dores no corpo ou para sequelas de derrame.

“ó:: essa aqui qui é a <catinga di mulata>... mas aqui tem só um pezinhu... servi também prá fazê isfricção... prá passá na cabe::ça::... e prá fazê chá... tudu ser::vi::”

“servi prá derrami i dô du corpu” (SP9)



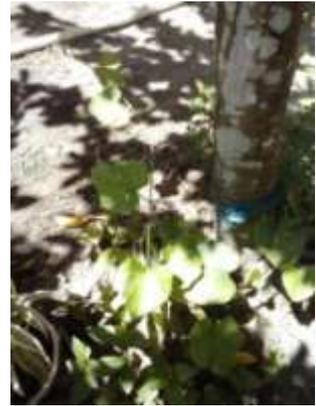
Carrapichosm. [PCEF]: Planta utilizada como chá para problema renal.

“o::lha:: essi aqui é u <carrapichu> – quando a pessoa tá urinandu sangui – olha eu lhi digu porque eu já fiz pru meu irmão – a sinhora tira uma raiz dessa i lava bem lavadinhu i tira três folha verdi di abacati... trê::is fo::lhas:: ver::di:: di abacati... aí a sinhora lava bem i põim numa panela i dexa fervê... fervi... fervi... aí fica tomanu ... aí rapidinhu vai limpá sua urina i sai u sangui da urina” (SP1)



Cipó cabeça de nego ^{stm} [PCEF]: Planta utilizada como banho para reumatismo.

“essa é a <cabeça di negu>... é um cipó... é prá reumatismo” (SP1)



Cipó Cabi ^{stm}. [PCEA]: Planta indicada para banho de descarrega, para caningação e para banho de força com a finalidade de retirar as más energias e recarregar as boas energias.

“esse é u <cipó cabi>... eli servi pá banhu i banhu di força” (SP2)



Cipó Pucá ^{stm}. [PCEFA]: Planta indicada como banho e chá para derrame e como banho para tirar mal olhado.

“essi aqui é uma planta também... é muita usada essa planta aqui prá derrami é mu::i::tu... mu::i::tu usada... é u <cipó pucá>” (SP1)



Cobra jararacastf. [PCEA]: Planta indicada como banho contra malefícios.

“essa aqui é a qui chamam <cobra jararaca>”

“o::lha::... prá falá a verda::di::... a mulhé me deu issu diz qui é contra u melefiçu” (SP2)



Comigo-ninguém-pode stm. [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar as más energias.

“tenhu u <comigu ninguém podi>”

“é prá banhu... u banhu dela é di discarga... di força... afasta tudu qui é ruim di perto da genti” (SP2)



Coramina da pintadinhastf. [PCEF]: Planta utilizada como chá para problema cardíaco.

“pru coração... essa é a <coramina da pintadinha>... tema verdi i tem a da pintadinha” (SP2)



Cumacásm. [PCEA]:

Ver. bem-vem-cá

“<cumacá> também”

“é::... ela é bom prá banhu também ... prá quem tá infeitiça::du:: ... sarube ... qualqué coisa podi esfregá a folha dela i fazê u banhu” (SP2)



Cundué sm. [PCEA]: Planta indicada como banho para enfeitado.

“também... eu tenho essa outra aqui... olha ... essa é um tal di <cundué>”

“ela servi prá banhu ... prá quem é infeitadu” (SP2)



Chamasf.[PCEF]: Planta utilizada como banho de cabeça para cefaleia.

“essa aqui é uma planta qui eu tenho qui u nomi dela é <chama> essa”

“ela servi prá banhu ... só pá dô di cabeça” (SP8)



Chama-dinheirostm. [PCEA]: Planta indicada como banho para quem está com dificuldades financeiras.

“essi <chama dinheru> é bom prá pessoa tê im ca::sa::”

“é chama dinheru... bom prá fazê banhu também... prá pessoa qui tá pebadu podi fazê banhu é muito bom” (SP2)



Chicóriasf. [PCEF]: A raiz dessa planta é utilizada em xarope para bronquite e para gripe.

“essa é a <chicória>”

“é prá bronquite... prá gripi mal cura::da:” (SP1)



Cravo de defuntosm. [PCEF]: Planta utilizada para fazer massagens para dores em geral, e como lambedor ou banho de cabeça para gripe.

“essa aqui é u <cravu di difuntu>”

“a::: genti soca as palmazinhas deli i soca eli prá tirá u sumu i fais u lambedô que é fervidu u sumu com mel i cachaça... também podi banhá a cabeça pa soltá catarro” (SP7)



E,e

Espada de Angôstf. [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar as más energias.

“essa é a <ispada di angô>”

“fais banho também... corta miúdinhu e bota prá fervê... igual us otrus” (SP2)



Espada de São Jorge *stf.* [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar mau-olhado.

“é <ispada di são jorgi>”

“prá essis negóciu de mau-olhadu também ... a genti si defendi cum ela dus mau-olhadu” (SP7)



Esturaque *sm.* [PCEF]: Planta utilizada para massagear locais paralisados, sequelas de derrame. A planta é misturada ao álcool, e essa mistura é utilizada após cerca de sete dias de repouso.

“não... só <isturaqui>”

“ó::lha... eli servi prá pessoa qui tá paralicu... tira a folha deli i pisa cum sebu di carneru i fica fazenu a massagi né? qui é prá disinvolvê us nervus i a pessoa consegui andá” (SP1)



F, f

Folha do Abacate *sm.* [PCEF]: Folha utilizada como chá para enfermidade nos rins.

“é:: é pru rim também u carrapichu i a <folha du abacati>” (SP1)

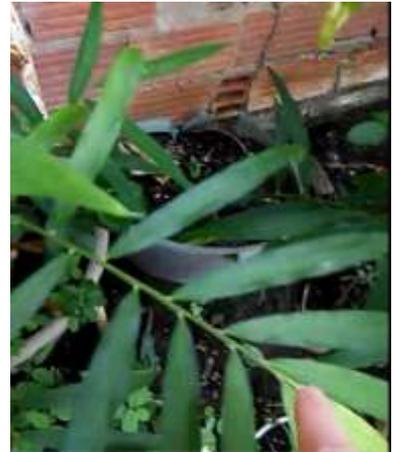


G, g

Gengibre^{sm.}[PCEF]: Planta da qual se usa a raiz para produzir lambedor contra a gripe e tosse.

“essa daqui é u <gengibri>”

“servi pa fazê lambedô... pá tossi” (SP8)



Gengibre Amarelo^{stf.}[PCEF]:

Ver. Açafroa

“açafroa é um <gengibri amarelu> ó – tem dois nomes... tem gengibre amarelu i tem açafroa ó”

“põim di molhu quando tá cum patiti prá toma u chá... acaba a patiti na hora ó” (SP1)



Goiaba araçá^{stf.} [PCEF]: Planta que possui finalidade de curar a diabete, através do chá da sua folha.

“essa é a <goiaba araçá>... é prá quem tem diabete” (SP2)



H, h

Hortelã de dor *stf.* [PCEF]: Planta utilizada como chá para o fígado e para qualquer tipo de dor.

“é <hortelã di dô>”

“si a sinhora tivé atacada du fígadu cum uma dô nu fígadu a sinhora cuzinha uma rama dela cum casca de laranja i a casca du alhu e fica tomando... tomandu” (SP1)



Hortelã *sf.* [PCEF]: Planta utilizada tanto como xarope, lambedor ou banho de cabeça para gripe e asma.

“essi aqui é u <hortelã>”

“servi prá xaropi... prá fazê xaropi... prá lavá a cabe::ça”

“servi prá as::ma:: ... prá quem tá cum asma... aí tira u sumu dissu e tempera cum mer di abelha i fica dando prá toma... dando prá crian::ça ... prá genti adulto né?” (SP1)



Hortelã grande *stm.* [PCEF]: Planta indicada como xarope e banho de cabeça para gripe; e seu sumo puro pode ser colocado no ouvido para aliviar a dor.

Var. Malvarisco

“essi aqui é u <hortelã grandi> qui chamam di nomi malvariscu tambem”

“é prá fazê lambedô pá quando a genti tá gripadu” (SP8)



Hortelãzinho^{sm.} [PCEF]: Planta utilizada como chá para aliviar cólicas e dor de barriga de bebê, servindo também como calmante infantil.

“ó::lha esse aqui é u <hortelãzinha>”

“é prá dô di barriga ... assim ... prá nenêm... a genti fais u chazinho juntu cum erva doci i dá prá criança... prá dô di barri:::ga:: ... prá dor di barri:::ga::” (SP4)



l, i

Incenso de Nossa Senhora^{stm.} [PCEA]: Planta da qual a folha é indicada como banho e como defumação para limpeza do ambiente e para dar boas energias.

“tenhu a otra <incensu di nossa sinhora>”

“ela é boa prá defumação também... i banhu” (SP2)



J, j

Jacarezinhosm. [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar as más energias.

“essa aqui é a:: ... si chama <jacarezinho>”

“essa aqui também é prá banhu prá tirá mau-olhadu” (SP2)



Jambu sm. [PCEF]: A raiz dessa planta é utilizada no lambedor para gripe.

“olha essi aqui é u <jambu>”

“fais remédu prá tossi... prá gripi né? prá aqueli catarrão quandu tá nu peitu... tá daqueli jei::to:: ... daqueli jeitihu (risos)?” (SP1)



Japanasf. [PCEFA]: Planta indicada como banho para erisipela e como banho de descarga para quebranto.

“essa aqui é a <japana>... tudu esses aqui”

“prá tira u sumu prá buta em irispela também servi prá banhu” (SP3)



Jibóia da misteriosastf. [PCEA]: Planta indicada como banho para tirar os malefícios.

“essa é a <jiboia da misteriosa>também ... ela é boa pá banhu também”

“servi prá quebra us meleficius também - é:: tenhu dois pé... essa daqui i aquela dali” (SP2)



Jiboinhasf. [PCEA]: Planta utilizada como banho para tirar mal olhado.

“essa é a <jiboinha>”

“ela servi prá banhu também” (SP2)



Joana Darquistf. [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar as más energias.

“é <joana darqui>... ela é boa prá banhu di descarga também” (SP2)



Juremasf. [PCEA]: planta indicada como banho para tirar mal olhado.

“<jurema>... é <jurema>”

“prá quebrá as coisas ruins... u mau-olhadu... por exemplo” (SP2)



L, I

Limosm. [PCEF]: Planta utilizada como chá para o coração.

“isso... <limu>... eli é propipá coração” (SP8)



Lirosm. [PCEA]: Planta indicada para se ter no quintal como defesa da casa para afastar as más energias.

“essa é <liru>”

“essa é prá defesa da tua casa” (SP2)



M, m

Mangueirasf. [PCEF]: A casca dessa planta é utilizada como chá para diabete e o sumo da folha é indicado para febre.

“ó::lha ...essa manguera aqui”

“é... é::... <manguera>... a manguera é boa prá fazê remédiu até prá febri”

“a casca dela serve prá diabeti... não sabi::a?” (SP2)



Magirona sf. [PCEF]: Planta indicada como banho ou chá para o tratamento de sequelas do derrame e dor de cabeça.

“essa aqui é <magirona>”

“a genti soca pá fazê chá ô banhu... é u que a pessoa querê né? aí fais pá derrami... pá dô di cabeça” (SP8)



Magirona da Angolasf. [PCEF]: Planta indicada como chá ou banho tanto para bebês, como para adultos, para gripe, dor de cabeça ou sequelas do derrame.

“é uma magirona... <magirona da angola>”

“a:: quando é criança bebezinho né? quandu nasci prá tudu né? i prá tudu qui é problema... prá dô di cabeça né? o duença apanhada né? eli é muito bom” (SP6)



Manjeriçã sm. [PCEF]: Planta indicada como banho de cabeça ou chá para gripe, tanto para bebê como para adulto.

“não... só <manjeriçã>”

“isfrega ele né? peg/tira a folha deli isfrega na água no otro dia lava a cabeça assim ((faz movimentos circulares em torno da cabeça)) que é prá saí aquela gripi qui tá presa na cabeça e toda hora a pessoa tá ispirandu” (SP1)



Manjeriçã Esturáquio stm.[PCEF]: Planta indicada como chá para colesterol.

“esse aqui é magiricão... <magiricão esturaqui>”

“pá colesterol... eli é muito du bom” (SP8)



Malvarisco sm. [PCEF]:

Ver. hortelã grande

“essaaqui é u hortelã grandi... conhecido por <malvariscu>”

“a genti cuzinha a folha deli i tira u sumu i quando tá cum problema de surdura né? aí derrama assim dentru du ovidu” (SP1)



Mastruzsm. [PCEF]: Planta indicada como chá ou como sumo puro ou misturado ao leite, para todo tipo de inflamação e no tratamento de problemas estomacais e de sequelas de baque.

“essa é u<mastruz>... ó:”

“prá dô di istômagu também... prá tudo qui é inflamação” (SP6)



Malva-rosasf. [PCEF]: Planta indicada como banho ou como unguento para massagens para o tratamento de sequelas do derrame.

“essi aqui é <marvarosa>”

“é::: a mesma função dessis otru tudu aí - a sinhora podi pegá tudu juntu também e pisá i fazê um unguentuzinho só i usá prá/prá passá né? só fazê um unguentu” (SP4)



Mirrasf. [PCEF]: Planta indicada como banho de cabeça para cefaleia e para tratamento de sequelas do derrame.

“essa planta é a <mirra>... é muito cherosa também ela ó... senti u cheru”

“prá banhu também ... banhu prá cabeça ... prá derrami também... prá dô di cabe::ça::... si tá cum dô di cabeça a mirra passa a dô também fais u banhu cum ela” (SP9)



Mão de raposasf. [PCEF]: Planta indicada como banho de cabeça para cefaleia.

“é <mão di raposa>”

“é muito boa prá dô di cabeça” (SP7)



O,o

Onçasf. [PCEA]: Planta indicada como banho para mal olhado.

“a <onça> ... também é pá banhu”

“prá quebrá as coisa ruim qui jogam na genti” (SP2)



Orisasf. [PCEFA]: Planta indicada como banho para trazer boas energias para doentes, para acalmar nenêm, para alergia, para tosse, e para dor de cabeça; e como chá para asma e para o coração. A planta também é utilizada para deixar a roupa cheirosa e para trazer boas energias aos doentes, sendo guardada junto da roupa ou fervida junto com a roupa.

“essa aqui é a <orisa>... é:: é boa prá metê ni ropa di genti duenti... fazê banhu também ... ela é bo::a:: prá banhá nenêm ... é muito boa ela” (SP2)



Orquídea sf. [PCEA]: Planta utilizada como banho para mal olhado.

“essa aqui é uma <orquídia>... ela é bom prá infeitá tua ca::sa:: i é bom prá fazê um banhu também”
 “é prá quebra us mau-olhadu também” (SP2)



P, p

Paregore sm. [PCEF]: Planta indicada como chá para o fígado e o estômago.

“essi aqui é u <paregori>”
 “pá pobrema no fígadu ... istômagu ... quando a genti comi i a cumida fais mal né? aí a genti fais u chá i toma... rapidinhu fica bom” (SP8)



Pau-de-Angolastm. [PCEFA]: Planta indicada como banho de cabeça para cefaleia, como banho para levantar o astral e como defumação da pessoa e da casa para caninga.

“essa é a <pau di angola>”
 “ela servi prá banhu... prá dô di cabeça”
 “bota bem prá levantá u astral da pessoa qui tá cum caninga” (SP2)



Pau-de-alhostm. [PCEA]: Planta indicada como banho para tirar mal olhado.

“essi aqui é u <pau di alho>”

“prá tirá mau-olhadu ... essas coisas assim ” (SP7)



Perpétuasf. [PCEF]: Planta da qual as folhas e flores dessa planta são utilizadas como chá para o estômago e para o corrimento feminino.

“essa é a <perpétua>... ela é muito boa prá fazê u chá prá tomá”

“pá/prá dô di istômagu prá pessoas qui tem iscurridu (riso envergonhado)” (SP2)



Pião Roxostm. [PCEFA]: Planta da qual se extrai o leite que é indicado para ser colocado em ferida e a planta é indicada para ser plantada na frente da casa, a fim de evitar mal olhado, assim como o banho feito com ela.

“essa é u <pião roxu>”

“u leiti deli põem im firida” (SP3)



Pião da Índiastm. [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar as más energias do corpo.

“ó::: essi aqui qui é u <pião da índia>”

“a::: é prá disarregá u corpu né?” (SP6)



Pimenteirasf. [PCEA]: Planta indicada tanto para banho como para se ter em casa com a finalidade de tirar mal olhado.

“ó:: essa é minha <pimentera>”

“é prá mau-olhadu essas coisas né? - a genti planta porque as vezis a genti até precisa assim né?” (SP7)



Pequininasf. [PCEA]: Planta indicada para se ter em casa para captar as más energias.

“essa aqui é muito bom prá fazê a defesa da tua casa - essa aqui di olhu grandi essas coisa - quandu ela tá muito coisada... tu bati assim ((toca na planta com a mão)) aí ela volta ((faz gestos de como ela estivesse se fechando))”

“essa aqui eu chamu di <piquinina>” (SP2)



Q, q

Quebra-pedra sm. [PCEF]: Planta indicada como chá para os rins.

“essa a genti chama <quebra-pedra>”

“é poderoso pá urina presa... pá privação di urina não tem melhô” (SP8)



R, r

Rosa sf. [PCEA]: Planta da qual sua flor é indicada como banho para levantar o astral.

“as <rosas> são boa prá banhu também... tu pega uma rosa dessa aqui ((aponta para uma rosa cor-de-rosa)) outra dessa aqui ((branca))... você coloca seti qualidadi di rosa i fais seu banhu”

“prá assim... levanta u astro... é muito bom... aí você fica assim ... pareci otra pessoa... aí você fica vista prá outra pessoa né?” (SP2)



Romã sf. [PCEF]: Planta indicada como chá para infecção do sistema reprodutor feminino e para cisto.

“essa planta aqui ó ... é a <romã>”

“ó::lha::... u romã é muito valiosu... si casu a sinhora tivé cum cistu... assim... cu u cistu mu::i::tu:: inxadu a sinhora podi cuzinhá i tomá... i tomá u chá qui na hora vai aliviá i vai diminui u cistu”

“di urinária... aquela infecção di mulhé... a sinhora sabi né?” (SP1)



S, s

Sabugueirosm. [PCEF]: Planta indicada como chá para cobreiro.

“<sabugueru>... sabugueru”

“olha é prá cobreru arreculhidu... cobreru... por que a pressoa qui tem cobreru tem muita febri muita dô nu corpu ... aí eli incha... si si eli não tivê u remédiu eli vai morrê inchadu... mesmu qui tomá remédiu da butica mesmu assim eli incha” (SP1)



São Raimundosm. [PCEF]: Planta da qual se extrai sumo puro da folha para ser ingerido para o tratamento da gastrite.

“essi aqui ó... é são::<são raimundu> ... qui tira u sucu da fo::lha:: pá gastiti” (SP1)



Samambaiasf. [PCEF]: Planta da qual sua raiz é indicada como chá para diabete.

“eu tenhu <samambaia> qui é boa prá diabeti... fais u chá da raiz... tem otras também” (SP2)



Sangue-de-Cristostm. [PCEFA]: Planta indicada como banho para retirar as más energias que causam problemas físicos e espirituais, e para caningação.

“essi é <sangui di cristu>”

“é prá pessoa é duentiassim qui tá cum problema diversu qui tá comodado ô qui tá cum alguma coisa qui alguém jogô nele... tá?” (SP2)



T, t

Tajá sete facadasstf. [PCEA]: Planta indicada como banho para caningação, perturbação e atrapalho.

“<tajá seti facadas>”

“o banhu é prá pessoa qui é di canindação... perturbação... atrapalhu... entendeu” (SP2)



Tajá de penastm. [PCEA]: Planta indicada como banho para tirar as más energias de médium.

“essa aqui é a <tajá di pena> ó::”

“servi também prá negóciu di feitiçu...prá fazê banhu prá médium... prá expulsa u qui é ruim” (SP2)



Trevo^{sm.} [PCEF]: Planta da qual se extrai o sumo da folha para ser colocado puro no ouvido para alívio da dor.

“não ... só <trevo>”

“tira u sumu deli né? pisi eli e tira o sumu deli né? põem banha di galinha i passa nu ovidu ((ela faz gestos circulares em torno do ouvido)) e põem nu argudao prá botá dentru du ovidu... prá dô nu ovidu” (SP1)



U, u

Urubucaá^{sm.}[PCEF]: Planta indicada como chá para febre.

“i essi é u <urubucaá::>... essa planta é muito bom prá fazê chá prá feбри” (SP1)

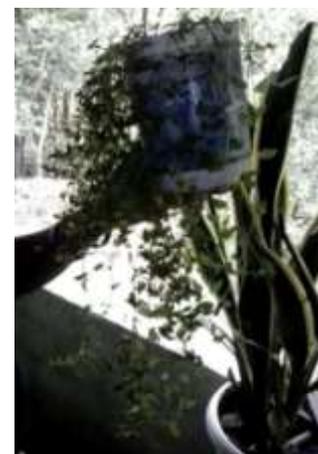


V, v

Vai-e-volta^{stm.} [PCEA]: Planta indicada como banho para trazer o amor da pessoa que foi embora de volta.

“essa aqui é u <vai i volta>”

“u banhu deli servi prá/prá quandu a pessoa tá amuadu cu otru i vai e não qué volta... aí toma u banhu i diz qui volta” (SP2)



Vence-tudostm. [PCEA]: Planta indicada como banho de descarga para tirar as más energias.

“é u <venci-tudu>... essa aqui aquela ali e a otra lá ((aponta as plantas)) são três qualidade di venci tudu... ela servi também prá banhu...a genti corta i bota prá fervê... depois qui fervi aí tira u:: sumu i bota u:: álcu pá fazê u banhu pá tomá” (SP2)



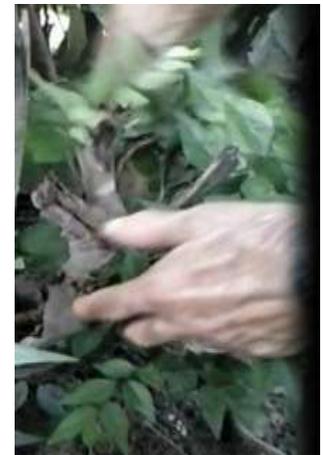
Vergamortasf. [PCEF]: Planta utilizada como xarope, banho e para fazer massagens para sequelas do derrame.

“é::<vergamorta>u nomi dela ... mais é meu remédiu preferidu essi aqui”
 “eli ser::vi:: prá:: fa::zê:: xaropi ... servi prá duença panha::da::... ela é pisada ... ela cum aguardenti” (SP1)



Verônicasf. [PCEF]: A casca dessa planta é indicada como chá para inflamação no útero.

“essa aqui é a <verônica>... essa aqui é a veronica”
 “é:: essa aqui é prá mulhê... prá disinflamá u úteru” (SP2)



Viquesm. [PCEF]: As folhas dessa planta são indicadas tanto para fazer chá para o fígado, para dor de cabeça e para gripe, como também para fazer inalação para essas duas últimas indicações.

“tem essa outra aqui nu meu... é <viqui> ela”
 “ó::lha... a genti fais chá quandu a genti tá gripadu ... também quando tá - qué vê... chera aqui - quando a genti tá gripadu a genti bota prá fervê e aí chera assim ((aspira forte demonstrando como aspirar o vapor da infusão))” (SP5)



Violetasf.[PCEA]: Planta indicada para se ter no quintal por ter a finalidade de termômetro da vida. O tamanho da batata produzida por essa planta demonstra a situação da vida do dono da planta.

“ó aquela ali é a violeta”

“ela dá umas batatinha ... issu aí é du tempu da minha mãe qui dexô - quandu a genti tá bem di vida ela dá umas batatas gran::di quando não tá dá umas mingua::::da:::”
(SP3)



Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos nessa pesquisa em torno a) da construção do conceito de plantas medicinais; b) da relação das plantas medicinais com os conhecimentos tradicionais, como se dá e quais os conhecimentos tradicionais registrados são transmitidos na comunidade; c) da opção de tratamento para as enfermidades físicas; e em tona d) dos conhecimentos tradicionais em relação aos termos estudados e registrados no glossário terminológico.

5.1 Definição de planta Medicinal

Na literatura botânica, seguindo uma linha cronológica temporal, vários autores procuraram definir o que seria planta medicinal. Para Campelo e Ramalho (1989, p. 67), “Planta medicinal é aquela que contém um ou mais princípio ativo que lhe confere atividades terapêuticas”; Barlemet, na mesma linha de pensamento, a define como “toda e qualquer planta que atue de maneira benéfica no combate ou minimização de qualquer malefício no organismo humano” (*apud.* MARTINS *et. al.*, 2005, p. 22); e Foglio (2006, p. 2) completa a ideia dos outros autores ao afirmar que “pode-se considerar como planta medicinal aquela planta administrada sob qualquer forma e por alguma via ao homem, exercendo algum tipo de ação farmacológica”.

Porém, para este estudo, é muito importante entender como os moradores de Vila-que-era definem plantas medicinais, a partir da compreensão dos sujeitos da pesquisa. Para **SP1**, planta medicinal “serve para muitas doenças, serve para derrame, serve para infecção para cisto, para dor de ouvido, para dor de cabeça, para pessoa parálítico andar. Então, são esses que são remédios para mim, né? Eu me curo e faço também para alguma pessoa que vem e precisa aí eu faço daquilo que sei”. Segundo **SP2**, “planta medicinal é aquela que tu precisa para fazer qualquer uma coisa para banho ou para tomar ou para passar no corpo; essa que é planta, a erva medicinal; e, eu intendo assim, né?”. **SP3** explica: “sei que arruda, aipo para fazer fricção se tiver com dor desse negócio de derrame. Orisa, mirra, a japana, o manjeriço tem gente que faz o molho para comida, né?, eu faço para banho, banho de cabeça; sei que são muito bom. Quando estou desesperada com dor de cabeça, vou ali e tiro umas plantas para lavar minha cabeça”. Para **SP4**, “tem o aguardente em planta, tem melhoral em planta, tem anador em planta, tem aquela meracilina em planta, tudo esse tipo de planta é

remédio assim que eles usam, né? Então, eu acho para fazer um chá alguma coisa assim deve servir. E isso qui creditu”. **SP5** também apresenta sua explicação: “hum no meu modo de ver, de ser eu acho que planta medicinal é para gente e a gente usa ela para qualquer tipo de enfermidade, né?, vai depender da planta, né?, porque o anador como eu falei é bom para dor e para febre, né; aquele outro lá é bom para dor de cólica de bebê; a gente faz com erva doce, né?”. Para **SP6**, “são essas plantas que eu tenho aqui e serve para todo quanto a gente tá doente”. **SP7**, ao ser inquerida sobre o que era planta medicinal, diz não saber definir, mas afirma serem plantas que possui no quintal, usadas por ela para ficar bem; mostra as plantas e explica a finalidade de cada uma, por exemplo: “essa aqui serve para banho para negócio de doença apanhada”. Para **SP8**, “a planta é para fazer remédio assim para negócio de derrame, né?, assim, para fazer banho para cabeça; coloca na água do coco para banho para lavar e a gente melhora, né? Eu me dou muito bem com esses remédios”. **SP9** assevera: “servi para remédio, para remédio, né?, para curar porque eu já conheci umas e outras pessoas que são curadas com essas plantas de remédio, planta caseira, né?, que a gente chama, né?”.

Por meio dos discursos dos sujeitos da pesquisa sobre a definição de plantas medicinais e das indicações de cada planta, observa-se que a palavra “banho” é utilizada na indicação de uso, variando suas finalidades. Para algumas informantes, “banho” refere-se apenas à cura de enfermidades físicas, já para outras, refere-se também à cura de enfermidades da alma, que influenciam o corpo humano, como podemos observar no quadro abaixo.

Quadro 3: TIPOS DE BANHOS			
Enfermidades do corpo		Enfermidades da alma	
Banho	Indicação	Banho	Indicação
Banho de cabeça	Dor de cabeça, gripe, derrame, erisipela, reumatismo, sinusite	Banho	Caningação, perturbação, atrapalho, levantar o astral, boas energias, enfeitado, dificuldade financeira, mal olhado, expulsar o que é ruim, trazer o amor de volta, quebranto, afastar espíritos
Banho de sentar	Útero	Banho de descarga	Tirar más energias
Banho	Acalmar nenê, tosse	Banho de força	Recarregar boas energias

Portanto, para as senhoras moradoras da Vila-que-era e sujeitas da pesquisa, as plantas medicinais referem-se às plantas destinadas a curarem malefícios tanto do corpo físico

como da alma. No quadro abaixo, podemos observar as informantes que se referem à palavra “banho” nas indicações com finalidade de curarem enfermidades do corpo ou da alma.

Quadro 4: FINALIDADES DO BANHO		
SUJEITO DA PESQUISA	ENFERMIDADES	
	Enfermidades do corpo	Enfermidades da alma
SP1	X	
SP2	X	X
SP3	X	X
SP4	X	
SP5	X	
SP6	X	X
SP7	X	X
SP8	X	
SP9	X	X

A partir da exposição apresentada no quadro acima, sobre os tipos e finalidades do banho, fica claro que, na comunidade investigada, as senhoras que participaram da pesquisa utilizam diferentes receitas e finalidade para os banhos, tanto curar enfermidades do corpo como da alma. Percebe-se também, nos quadros acima, que a finalidade do banho irá definir sua nomeação. Assim, os banhos citados nas definições de plantas medicinais, dadas pelas senhoras, devem ser compreendidos com ambas finalidades, curar enfermidades do corpo e da alma.

Dessa maneira é que se percebe a expansão da compreensão da definição de plantas medicinais dada pelas senhoras em comparação às definições dos teóricos. Para a teoria científica, planta medicinal é a planta que tem por finalidade a cura de doenças do organismo humano, porém, em Vila-que-era, as plantas medicinais são os vegetais destinados a curarem não só as enfermidades do corpo, mas, também, as enfermidades da alma, pois a maioria das senhoras compreende que só estarão bem do corpo se estiverem bem da alma; segundo elas, essa influência ambas se influenciam mutuamente.

5.2 As plantas medicinais e os conhecimentos tradicionais

É muito comum em nossa sociedade quando sentimos um mal estar, os mais antigos nos receitam, em geral, um chazinho, ou qualquer outro remédio natural para melhorarmos. Esses conhecimentos foram formulados e repassados de geração a geração, por via oral, pelas populações denominadas tradicionais, residentes em áreas rurais. Ao longo dos séculos, essas populações foram fazendo experimentações intuitivas ou empíricas sobre quais plantas e a maneira de usá-las curariam males específicos, tanto do mundo natural, como sobrenatural (MIRANDA & JORDÃO, 2005, *apud* GALLOIS, 2000).

Para Van Seters (2008, p. 21), “a tradição é uma categoria ampla que abarca não só as formas verbais transmitidas do passado, mas também modos de ação e comportamento”. Assim, os conhecimentos em torno das plantas medicinais podem ser considerados conhecimentos tradicionais por possuírem essas características.

O quadro abaixo apresenta o objetivo de se cultivar as plantas medicinais, em Vila-que-era, e a maneira pela qual esses conhecimentos são repassados de geração a geração.

Quadro 5: TRANSMISSÃO DOS CONHECIMENTOS ACERCA DAS PLANTAS MEDICINAIS

Sujeito da pesquisa	Aprendeu a cultivar plantas medicinais com quem?	Qual o seu objetivo ao cultivar plantas medicinais?	Ensina alguém a cultivar e/ou a fazer remédios com plantas medicinais?	
			Sim	não
SP1	“olha... porque quando eu adueci aí a minha família ia vê remédiu né? nos curadó e eles insinava aí a gente ia trazendo prá casa e eu ia plantando porque depois invés de eu tá correndo prá li pra cá eu já tinha prá fazê meu remédiu”.	“o::lhi prá mim usá e prá mim dá prá quem precisa”	“olha... muita das veis a pessoa chega aqui e diz assim olha eu tô passando mal já fui no médicu não consigu remédiu aí eu digo assim você não qué fazê um remédiu casero quem sabe se não dá certo... a pessoa faiz e dá tudu positivo” “só pessoas mesmu da minha idade qui vem pidi aí eu adôo e faiz”	
SP2	“ninguém... é um dom qui deus mi deu ... eu num aprendi cum ninguém ((balança a cabeça negativamente)) a minhas oração qui eu rezu é as oração da igreja... é o credu... salve rainha ... o pai nosso... ave maria... santa maria... agora as otras entre meiu é quando a genti chama o nomi di deus entrega aquela pessoa... i aí a genti diz u qui tá rezandu pedindu u qui tá incontrandu nu corpu daquela pessoa... rezando nu corpu daquela pessoa”	“olha quando vem pidi remédiu remé::diu:: eu dôo agora quandu é prá mim coisá eu façu e vendu... trabalhu assim né? ... agora criança... uma dô di cabeça quebrantu qui chamam mau-olhadu eu rezu eu tenhu meu condal dentru du meu quartu cheiu di santu... eu... quando chega uma criança o um adultu cum dô di cabeça eu vô i rezu i as pessoas si senti muito bem... quando eu rezu uma vez duas veis ou três veis qui é o mais qui a pessoa melhora né?... e eu tenhu essa fé qui deus mim deu... dizem qui é um dom... eu não sei di ondi eu troxe isso só sei qui eu não sô dessi negóciu di bate tambor... só vem aquilu na minha menti qui eu vô fazê ô dexa di fazê... só issu”		“não... eu já mi dei mal...depois qui a genti começa a fazê aquelas pessoa trabalhá e tal... aí elas vem querê ofendê a genti... aí eu num ((balança a cabeça nEgativamente)) quem quizé qui si levanti por si mesmu né? quem quizé... si deus deu um dom intão procure fazê aquilo qui deus deu né?”
SP3	“cum minha mae / aqui as coisa são difisu sabi? intão minha mae mandava fazê remédiu di planta	“a::: eu fazia prá mim prá vende si viessi alguém comprá aqui mais eu mais dava prus	“só meus filhus... mas elis num acreditam muito não”	

	quando a genti tava duenti inté i pu médicu”	vizinho us qui vinham compra era di Bragança”		
SP4	“cum a minha mae / quando era piquenu fazia muito remédiu caseru... aqui médicu era muito difíci”	“só dô” (risos)	“só meus filhus quando tão cum alguma dô i não tem otrus remédiu por aqui”	
SP5	“cum a minha mãe ela insinaava a genti / quando a genti si sintia mal ela mandava logu fazê um remedinhu i passava... aí a genti foi apredenu né?”	“não:: só dava mesmu”	“só meus filhus também”	
SP6	“a::: cum minha mai e assim cum us vizimhu um vai insinandu u otru”	“a::: eu só dô mesmu i mais aqui prus meus filhus porque aqui quase todú mundu tem uma plantinha nu quintal mais si mi pidi dô sim – as veis a visinha tem uma planta qui não tenho aí quando vô lá ela sabi qui não tenho ela mi da i eu também dô prá ela a genti dá uma prá outra planta qui não tem o qui morri nu quintal”	“du mesmu jeito só meus fiu i us vizinho mesmu um insina pru otru”	
SP7	“a::: eu aprendi cum a minha mai i us pessual aqui na vila us insina pru otru quando tão duenti”	“a::: eu só do mesmu”	“quando meus filhus tão ruim aí eu insinu”	
SP8	“não::: eu mesmu minha mãe tinha né? aí a genti ia vendu ela ia mandanu a genti faze i eu crisci fazenu remédiu”	“((risos)) prá mim prá mim fazê us remédiu” “não vendu não... só dô comu elis mi dão também”	“olha insina assim não... insinu não ... mais quando chega alguém assim aqui i mi pédi aí eu arrumu apanhu i dô uma plantinha prá qui a pessoa tá querenu”	
SP9	“cum a minha mãe ela já tá cum setenta i treis anus i ainda é viva ainda é aquela sinhora qui tava aqui é minha mãe ela”	“vendu já vendi também – prá derrami mesmu é mais quem qué – agora qui eu quase num tenhu mais eu já ti::vi foi mui::tu mais eu também dô eu mais dô du que vendu”	“insinu práas minhas filha ... as veis eu insinu qui muitas das veis ela num sabi aí eu falu prá eli prá qui é bom”	

Observa-se na fala das senhoras, sujeitos da pesquisa, **SP1, SP3, SP4, SP5, SP6, SP7, SP8, SP9**, que elas adquiriram estes conhecimentos em torno do uso e finalidades das plantas medicinais a partir de suas vivências, de suas experiências que a vida lhes impôs e dos conhecimentos adquiridos através do diálogo, da conversa com os mais experientes, ou seja, com os curadores e/ou com suas mães. Já **SP2**, apesar de não se intitular curadora, mesmo que a comunidade a veja desta forma reconhece que não aprendeu com ninguém o poder de cura das plantas, e diz ter nascido com o dom de conhecer e receitar o uso das plantas medicinais às pessoas que a procuram.

Esse repasse dos conhecimentos dos mais antigos aos mais jovens sobre as plantas medicinais, ocorre sempre, de acordo com as senhoras, quando os mais jovens afirmam não estarem se sentindo bem, pois é nesses momentos que os mais experientes da família indicam alguma planta, a parte da planta e a maneira de preparar o remédio que irá fazer bem e passar o mal-estar. Em outras situações, mais raras hoje em dia, os mais jovens acompanham os cuidados e preparo com os remédios. Segundo as senhoras, isso ocorre porque atualmente os mais jovens não demonstram muito interesse em conhecer e utilizar os benefícios das plantas.

Outra maneira muito comum que esses conhecimentos são repassados é quando o próprio enfermo vai à procura do remédio com os curadores. As senhoras também afirmam que há muito tempo atrás eram os curadores que cuidavam da saúde das pessoas da comunidade, pois o acesso ao médico era muito mais complicado. Atualmente, apesar dessa dificuldade persistir, de acordo com os relatos, não existe mais tanto curador como antigamente, mas as pessoas continuam cultivando esses conhecimentos sobre as plantas medicinais.

Nos momentos de diálogos, ou seja, nos momentos de aprendizagens em torno das plantas medicinais, são muitos os termos dessa prática que carregam conhecimentos tradicionais, por exemplo:

- “isfricção” (fricção) - massagear um determinado local do corpo;
- “doença apanhada” – refere-se à doença do corpo chamada derrame (acidente vascular cerebral);
- “implastu” (emplasto) – é uma atadura no abdômen de parturientes, para voltar o útero ao seu lugar;
- “mãe do corpo” – é o órgão do sistema reprodutor feminino chamado útero;

- “iscurridu” (corrimento) – líquido inflamatório expelido pelos órgãos do aparelho reprodutor feminino, também, chamado de corrimento;
- “di arrepiu” (de arrepio) – é a maneira rápida de passar a planta medicinal pelo corpo, do pé até a cabeça;
- “inxumi” (inchaço) – é o inchaço de alguma parte do corpo;
- “lambedô” (lambedor) - éo modo de preparo do remédio medicinal que utiliza mel de abelha para ficar com maior consistência;
- “xarope” - éo modo de preparo do remédio medicinal que utiliza mel de abelha para ficar com menor consistência;
- “ismigalhá” (esmigalhar) – é o modo de amassar folhas de plantas medicinais com as mãos;
- “chá” – é o modo de preparar o remédio medicinal com o cozimento de partes da planta;
- “defumação” – é o modo de preparo de remédio medicinal para doença da alma em que se queimam folhas de plantas medicinais em brasa;
- “banhu” (banho) - é o modo de preparo de remédio medicinal tanto para o corpo como para a alma em que partes da planta são fervidas e o líquido é utilizado para banhar partes do corpo ou todo o corpo;
- “ungentu” (unguento) – é o modo de preparo de remédio medicinal feito com diversas ervas, utilizado para massagear.
- “caningaço” – é uma doença espiritual em que as más energias atrapalham a vida da pessoa;
- “enfeitiçadu” (enfeitiçado) – é uma doença espiritual em que uma pessoa joga feitiço em outra;
- “quebrantu” (quebranto) – é uma doença espiritual provocada por más energias que ocorre mais em crianças e bebês;
- “mulher sarubi” – é a mulher que está gestante.

De acordo com **SP1**, se a mulher estiver menstruada ou “sarube”, ela não pode preparar remédios medicinais, pois corre o risco da porção não ficar consistente. **SP1** afirma: “não presta u remédiu ... desanda u lambedô...desanda... fica só uma”.

Algumas senhoras, também, relataram que cultivam essas plantas para consumo próprio, porém se alguém as procurar pedindo para fazer o remédio, elas fazem para vender. No entanto, não recusam doar as plantas pedidas. De acordo com seus relatos, atualmente elas mais doam do que vendem. Em outros tempos, elas vendiam mais para pessoas de fora da comunidade; hoje, são poucas as pessoas que as procuram.

Assim, essas senhoras, sujeitos da pesquisa, podem ser consideradas, segundo Almeida (2008), *arquivos de genealogia*, por demonstrarem possuir um capital intelectual, que se configura em conhecimentos adquiridos mediante relações sociais com suas tensões ou entre sistemas de relações sociais. E esse capital intelectual é o que fundamenta o conceito de *arquivo*, que, por conseguinte, denomina-se *genealogia* por ser transmitido tradicionalmente de geração a geração, através da oralidade.

Por meio do discurso das informantes, pode-se perceber que os mais experientes “receitam” os remédios ou tratamentos naturais por meio da oralidade, e neste momento quando o iniciante não compreende a linguagem dos mais velhos, este procura reformular sua fala, mostrando na prática, de maneira que possa ser compreendido.

Assim, podemos afirmar que neste trabalho de aproximar esferas de conhecimentos, entre os mais experientes e os mais jovens, sobre as plantas medicinais, também existe um trabalho de tradução, pois os primeiros buscam significados para suas palavras na linguagem dos mais jovens, para que sua mensagem seja compreendida. Essa aproximação de esferas na linguagem ocorre na maioria das vezes na prática, por meio de exemplificações, com os filhos ou parentes das informantes ou mesmo com membros da comunidade, pois há a preocupação em explicar as características das plantas utilizadas na cura de doenças e como podem ser aproveitadas para esse fim. É, portanto, nesses momentos em meio aos diálogos que as ressignificações vão ocorrendo e os conhecimentos sendo repassados.

A maioria das informantes também demonstrou certa preocupação com o “desinteresse” dos mais jovens da comunidade pelas plantas medicinais. Segundo elas, a maioria dos mais jovens, da geração atual, não acredita muito no poder de cura das plantas e por este motivo não se sentem interessados a aprender a cultivá-las e a fazer remédios caseiros para curar os males físicos ou da alma, mas, mesmo assim, as informantes insistem em incentivá-los a utilizar as plantas quando estão se sentindo mal. Nesse sentido, a pesquisa aponta para uma fragilidade nesse processo de transmissão desses conhecimentos tradicionais.

5.2.1 Enfermidade física: remédio caseiro *versus* farmacológico

O quadro abaixo apresenta os cuidados com a saúde e a opção por tratamentos revelados pelas informantes.

Quadro 6: CUIDADOS COM A SAÚDE E A OPÇÃO POR TRATAMENTO						
Sujeito da pesquisa	Vai ao médico?		Usa remédios?		Para que tipo de doença usa remédio?	
	Sim	Não	Farmacológico	Caseiro	Farmacológico	Caseiro
SP1	X		X	X	“o::lha... da farmácia é prá gastrite... né? eu usu prá gastrite... derrami também já usei bastante mas num deu... deu só uma melhora mais agora o que eu me sintu boa du derrami... eu fiquei boa mesmu é remédiu casero”	“eu usu pru derrami... remédiu casero eu usu prá derrami... usu remédiu prá chá:: prá uma dô de estâ::mago completamenti eu usu mais remédiu case::ro du qui remédiu do médicu”
SP2	X		X	X	“eu usu piula... eu usu piula qui eu não sei chamá u nomi... vitamina be dozi qui eu tomu também piula prá ossu qui não sei chama u nomi também i aque::la:: qui é prá ameba ... a piula prá ameba”	“usu... o óliu du côcu... a arruda cum a mulata... aquela otra u bem-vem-cá cum ... u bem-vem-cá cum a/cum esse bichu cherosu qui chamam di cravu di defuntu... prá isfregá ((massageia os braços)) assim qui eu usu prá passá as dô”
SP3	X		X	X	“a::: u da butica tô tomandu prá melhora du acidenti qui tivi mais vô ti dizê eu achu qui us daqui du meu quintal ia mehora mais rápidu... mais minha filha qui mora im belém briga e diz qui não ((risos))”	“façu sim... segunda prá amnhacê terça sei quando era oitu horas drumi quando era dez horas mi acordei isso meu tudu durmenti ((mostra os braços, pescoço e rosto)) meu rosto inchadu e meu olhu esbugalhadu qui não sei du qui era... aí quando foi umas dez horas du dia qui foi voltandu aquilu foi qui consegui ligá prá minhas filhas... aí uma veiu mi busca tá até aí... mais aí melhorei foi cum aipu e cum a arruda i a catinga di mulata... ai ismagalhei i passei fazendu isfricção ((massageia os braços)) nus braços i rostu fiz muita isfricção aí foi qui passô a durmencia” ... “passô sim... i a minha cara disincho i não tá mais vermelhu comu tava não” ... “se cura mais qui u da butica”
SP4	X		X	X	“a::: é prá quando a doença é mais braba”	“a:::prá gripi infequição dô di cabeça derrami prá muitas coisa”
SP5	X		X	X	“só prá quando não passá cu caseru”	“usu prum chazinhu prá dô di cólica di bebezinh

						febri prá dô prá isso qui usu”
SP6	X		X	X	“a::: eu tomu prá sará di alguma coisa mais braba”	“prá um banhu prá dô prá otrás coisa”
SP7	X		X	X	“a::: só quando u médicu manda ... quando dá prá si cusutá”	“prá doença apanhada febri tossi prá banho”
SP8	X		X	X	“a:: prá quando u médicu passa”	“prá doença panhada prá banhu prá gripi essas coisa”
SP9	X		X	X	“não mais caseru mesmu essis negóciu di inframação di mulhé a sinhora sabi né? us pobrema né? inté hoje tô cum quarenta i seti anus mais nunca assim dus pobrema num sintu não... du médicu é mais difícil ... é difícil di cusutá”	“eli cura muitus pobrema pru dentru da genti né? uma inframação... ais veis dô di ovidu também podi curá né? u remédiu natural eu já fui curada graças a deus muitas veis cum remédiu natural caseru mesmu qui eu façu pobrema di inframação di úteru né?” “prá derrami prá derrami dô di cabeça dô di barriga também servi prá dô di barri::ga::”

Assim, a pesquisa indica que as mulheres que foram os sujeitos da pesquisa utilizam tanto remédios farmacológicos como caseiros. Segundo elas, o uso de remédios naturais para enfermidades do corpo é ministrado a enfermidades de baixa gravidade, como dores em geral, gripe, resfriado, etc. No entanto, acredita-se com muita veemência que a cura da doença “apanhada”, ou seja, o derrame, só é curado com remédios caseiros. De acordo com as mulheres, o remédio farmacológico apenas ameniza, mas não cura essa doença, ela só é curada com remédio caseiro. Já o uso de remédios farmacológicos é atribuído às doenças mais graves.

Percebe-se, nas falas das informantes, que o grau de gravidade da enfermidade depende da persistência da doença. Por exemplo, se a dor do estômago ou de cabeça passar com remédio natural, que é o de melhor acesso na Vila, com baixo custo ou mesmo sem custo, significa que se trata de uma doença de baixa gravidade; porém, se as dores não passarem, quer dizer, não forem curadas, a doença deve ser tratada com remédios farmacológicos, de maior dificuldade de acesso e mais caro. Assim, o que define a escolha por tratamento de saúde, se será com remédios naturais ou farmacológicos, é o grau de gravidade da doença e/ou o acesso aos medicamentos, pois se percebe que em Vila-que-era ambos tratamentos são utilizados.

Segundo algumas mulheres, sujeitos da pesquisa, existe grande dificuldade de acesso a tratamento médico ou mesmo a farmácias na comunidade. Dona **SP1** afirma a falta de médico, “aqui::: prá genti si consulta é uma dificuldade mu:::i::to gra::ndi aqui nessa vila é raro vim um infermero ô um medicu... intão é quase todumundu aqui qui usa remédiu casero né? **SP6** também revela essa dificuldade “a::: eu usu us dois quandu não tem do medicu usu das planta – as veis a genti fica sem dinheru né? aí si tá duenti tem planta nu quintal fais u remedi da planta mesmu qui tá tudu bem fica bom também”. **SP7** também ressalta que apenas usa remédio farmacológico quando consegue se “consutá a::: só quando u medicu manda ... quando dá prá si custá”. **SP9** confirma a dificuldade ao acesso a tratamento médico: “não mais caseru mesmu essis negóciu di inframação di mulhê a sinhora sabi né?,us pobrema né?, inté hoje tô cum quarenta i seti anus mais nunca assim dus pobrema num sintu não... du medicu é mais dificil ... é dificil di custa”.

Essas afirmações revelam dois pontos importantes: o primeiro, que, apesar da grande dificuldade de acesso aos hospitais ou mesmo a farmácias da região, as mulheres entrevistadas, com muito esforço, procuram ir ao médico; e o segundo, que em alguns casos a opção pelo remédio natural, ou seja, pelo remédio caseiro, se dá em decorrência da

dificuldade de acesso ao tratamento farmacológico, como se observa na fala da **SP1**: “uns anos atrás a gente usava mais os remédios caserus do que os da medicina qui era interiô né ... inté qui fosse no médicu ninguém conseguia as condição... ai eu já tinha us remédios”.

Vila-que-era não possui posto de saúde, apenas duas agentes municipais de saúde atuam na comunidade. É responsabilidade delas acompanhar os moradores em tratamento de saúde e encaminhar, quando necessário, pacientes ao posto de saúde mais próximo, localizado a cerca de 4km, no Jiquiri, uma comunidade vizinha, ou ao posto Ruth Bragança, na cidade de Bragança, ou mesmo a outros hospitais da cidade. No entanto, por serem poucos os agentes de saúde, essa atuação fica deficitária e os moradores, na maioria das vezes, buscam tratamento médico por conta própria ou optam pelos remédios naturais de fácil acesso e mais barato, conforme afirma, por exemplo, a informante **SP6**: “a... eu usu us dois quandu não tem do médicu usu das planta – as veis a genti fica sem dinheru né? aí si tá duenti tem planta nu quintal fais u remédiu da planta mesmu qui tá tudu bem fica bom também”; e **SP5**: “us dois quando não tenhu u otru remédiu uso du quintal mesmu também fais u mesmu efeito só qui demora um pocu as veis”.

5.30 glossário terminológico e os conhecimentos tradicionais

Conforme já mencionado, neste trabalho, as plantas medicinais pesquisadas em Vila-que-era, elencadas no glossário terminológico, são usadas para a cura de enfermidades do corpo e da alma, ou para ambas finalidades. Nos quadros abaixo são apresentados os termos de acordo com seu campo semântico.

Quadro 7: PLANTAS MEDICINAIS QUE POSSUEM FINALIDADES DE CURA DE ENFERMIDADES FÍSICAS	
1	Abacate
2	Açafroa
3	Alfavaca
4	Algodão preto
5	Amapazeiro
6	Anador
7	Babosa
8	Begonha
9	Birra

10	Canarana
11	Catinga de mulata
12	Carrapicho
13	Cipó cabeça de nego
14	Coramina da pintadinha
15	Chama
16	Chicória
17	Cravo de defunto
18	Esturaque
19	Gengibre
20	Gengibre Amarelo
21	Goiaba araçá
22	Hortelã de dor
23	Hortelã
24	Hortelã grande
25	Hortelãzinho
26	Jambu
27	Limo
28	Mangueira
29	Magirona
30	Magirona da Angola
31	Manjericão
32	Manjericão Esturáquio
33	Malvarisco
34	Mastruz
35	Malva-rosa
36	Mirra
37	Mão de raposa
38	Paregore
39	Perpétua
40	Quebra-pedra
41	Romã
42	Sabugueiro
43	São Raimundo
44	Samambaia
45	Trevo
46	Urubucação
47	Vergamorta
48	Verônica
49	Vique

Quadro 8: PLANTAS MEDICINAIS QUE POSSUEM FINALIDADES DE CURA DE ENFERMIDADES DA ALMA	
1	Afasta espírito
2	Bem-vem-cá
3	Cipó Cabi
4	Cobra jararaca
5	Comigo-ninguém-pode
6	Cumacá
7	Cundué
8	Chama-dinheiro
9	Espada de Angô
10	Espada de São Jorge
11	Incenso de Nossa Senhora
12	Jacarezinho
13	Japana
14	Jibóia da misteriosa
15	Jiboinha
16	Joana Darqui
17	Jurema
18	Liro
19	Onça
20	Orquídea
21	Pau-de-alho
22	Piã da Índia
23	Pimenteira
24	Pequinina
25	Rosa
26	Tajá sete facadas
27	Tajá de pena
28	Vai-e-volta
29	Vence-tudo
30	Violeta

Quadro 9: PLANTAS MEDICINAIS QUE POSSUEM FINALIDADES PARA AMBAS AS ENFERMIDADES (ENFERMIDADES DO CORPO E ENFERMIDADES DA ALMA)	
1	Aipo
2	Alecrim da Angola
3	Arruda
4	Cipó Pucá
5	Orisa
6	Pau-de-Angola
7	Piã Roxo
8	Sangue-de-Cristo

Pode-se observar que ao total foram catalogadas oitenta e sete (87) plantas medicinais, das quais quarenta e nove (49) possuem a finalidade de curar enfermidades do corpo e trinta (30) possuem a finalidade de curar as enfermidades da alma. Além disso, percebe-se, ainda, que dentre o total catalogado, oito (8) plantas possuem ambas as finalidades.

Portanto, observa-se que a maior quantidade de plantas, ou seja, mais da metade da quantidade das plantas catalogadas tem a finalidade de curar o corpo e a outra parte se divide com as plantas que tem a finalidade de curar as enfermidades da alma e as plantas que possuem as duas finalidades, que são em menor quantidade.

Vale ressaltar que algumas das plantas catalogadas, além de serem utilizadas com a finalidade de cura, também são utilizadas para outras finalidades. **Aorisa** além de ser indicada para curar as enfermidades tanto do corpo como da alma, também, é utilizada para ser colocada em roupas para ficar cheirosa. **Ojambu**, a **chicória**, a **alfavaca**, a **açafroa** ou **gingibre amarelo**, o **manjeriço**, o **gingibre** e a **pimenteira** são utilizados na alimentação. A **goiaba araçá** e a **mangueira** são árvores frutíferas e, também, são utilizadas com finalidade de cura de enfermidades.

Algumas plantas, principalmente, as de finalidade de cura da alma, também possuem a finalidade de plantas ornamentais como afirma sorrindo **SP2**, por exemplo, neste trecho: “eu tenho essas plantas e o pessoal pensa que só é pra feitiço (risos)” e neste outro “é: quem não conhece num sabe pra que é (risos)”. Segundo ela e outras senhoras da Vila, muitas pessoas olham suas plantas e as acham muito bonitinhas, pensando que são só de enfeite, mas, na verdade, elas as cultivavam para fazer remédio, também. Assim, as plantas citadas pelas senhoras nesses momentos de entrevistas não estruturadas e não dirigidas são: **cravo de defunto**, **perpétua**, **samambaia**, **bem-vem-cá** ou **cumacá**, **cobra jararaca**, **comigo-ninguém-pode**, **cundú**, **chama-dinheiro**, **espada de angô**, **espada de são jorge**, **jacarezinho**, **jiboia da misteriosa**, **jibinha**, **joana darqui**, **jurema**, **limo**, **liro**, **onça**, **orquídea**, **pequinina**, **pião da índia**, **rosa**, **tajá sete facadas**, **tajá de pena**, **vai-e-vola**, **vence tudo**, **violeta**, **pião roxo**, **sangue-de-cristo**.

Neste estudo, observa-se ainda que cada termo do léxico específico das plantas medicinais, ou seja, os nomes das plantas elencados nos quadros acima, carrega uma carga semântica também específica e tradicional de Vila-que-era, construída secularmente. Ao

longo dos tempos, a população da comunidade foi selecionando as plantas de acordo com suas finalidades, assim, também, como as nomearam.

Assim, observa-se claramente, no estudo sobre as plantas medicinais na comunidade já citada, a relação homem/natureza com a linguagem. Essa relação se evidencia no resquício de uma possível motivação na nomeação que algumas plantas catalogadas apresentam. Esse é um indício que vale melhor investigação futura. Destaca-se que os signos linguísticos que representam essas plantas possuem possibilidade de motivação direcionada, na maioria das vezes, com a finalidade que a planta possui ou mesmo com as características físicas da planta.

A maioria das informações sobre a possível motivação para denominação das plantas foram coletadas a partir das entrevistas não estruturadas e não dirigidas, ou seja, em momentos de diálogos livres que não foram registrados. O quadro abaixo apresenta os termos, para os quais as senhoras, sujeitos da pesquisa, deram explicações a respeito da possível escolha de sua denominação.

QUADRO 10: TERMOS DE PLANTAS MEDICINAIS E POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES	
Termo	Possíveis motivações
Anador	A própria função de alívio da dor.
Catinga-de-mulata	Pelo “cheiro”, catinga, que possui.
Coramina da pintadinha	Tem as folha com pintas. Segundo algumas senhoras, tem outro tipo de coramina que não é pintadinha.
Hortelã de dor ou Hortelã grande (Malvarisco)	Essas plantas aliviam dores.
Hortelãzinho	Esse tipo de hortelã tem a folha miúda, bem pequena.
Malva-rosa	A folha da planta “lembra”, possui a aparência de rosa.
Perpétua	Ela é resistente ao sol e tem longa vida.
Quebra-pedra	Ela quebra a pedra dos rins.
Afasta espírito	A finalidade que possui, de afastar espíritos
Cobra jararaca	Ela se parece com uma cobra.
Comigo-ninguém-pode	A própria finalidade. Quando a pessoa toma banho com essa planta, ninguém consegue colocar energias ruins nela.
Chama-dinheiro	A própria finalidade. Quando a pessoa toma banho com essa planta, sua vida financeira fica melhor.
Espada de Angô	Ela se parece com uma espada.
Espada de São Jorge	Ela se parece com uma espada.
Jibóia da misteriosa	Ela é rasteira e cresce muito, parecendo uma jiboia.

Jiboinha	Ela é rasteira, cresce muito, parecendo uma jiboia e suas as folhas são pequenas.
Onça	A cor dela “lembra”, parece com uma onça.
Pião Roxo	Devido sua cor, pois, segundo os sujeitos da pesquisa, existem outras plantas pião que possuem outra cor, como a verde, por exemplo.
Vai-e-volta	A própria finalidade, que é trazer de volta quem vai para longe
Vence-tudo	Devido sua força espiritual, vence todo mal.

Porém, alguns conhecimentos tradicionais acerca da motivação para nomeação das plantas foram registrados nas entrevistas estruturadas e transcritas. Para **SP7**, a planta **mão de raposa** recebe esse nome “porque olha a folhinha parece com a mão da raposa (risos)” e a planta **pau-de-alho** recebe esse nome porque sim: “... u cheru eli pareci alhu mesmu”. Para **SP2**, a planta **pequinina** recebe esse nome “porque ela é piquinininha bunitinha (risos)”. E, segundo **SP1**, a planta **babosa** recebe esse nome “porque a baba dela ela servi prá uma doença qui te jê muito que: “...nti... i: “...nchadu: “... inflamadu: “... aí você/você tira a baba dela e coloca em cima... aí você tira a doença qui tava”. Ela também informa não saber por que a planta **vergamorta** recebeu esse nome: “o: “lha: “ eu não sei por que desdi nomi ... qui eu mi intendia por genti eu já cunhecia aqui na região por essi no: “mi: “ vergamorta”, sinalizando a possível arbitrariedade dos signos abordada por Saussure (1995).

É notório também, nessa pesquisa, que, para muitos nomes de plantas, as próprias senhoras não conseguiram descrever sua possível motivação, o que indica a necessidade de maior investigação em outros momentos ou em outras pesquisas direcionadas à motivação dos termos das plantas medicinais.

A partir da análise do glossário, percebe-se também os conhecimentos específicos do uso das plantas medicinais embutidos em cada termo, a saber: cura de enfermidades físicas, da alma, ou de ambas enfermidades; indicação; partes da planta usadas; preparo e utilização. Essas informações foram melhor organizadas abaixo, cada uma em seu campo semântico. Foram registradas na ordem decrescente, quer dizer, das mais citadas às menos citadas pelos sujeitos da pesquisa.

Assim, as enfermidades físicas mais registradas nesta pesquisa, em ordem decrescente, foram: gripe, derrame, dor de cabeça, problema renal, problemas no estômago, problemas do coração, dores em geral, dor de ouvido, diabete, problema no fígado, hepatite,

gastrite, reumatismo, útero, asma, bronquite, banho, pneumonia, febre, próstata, inchaço, limpezado organismo, bronquite, tosse, dor de barriga, calmante infantil, cólica de bebê, sinusite, colesterol, infecção, corrimento feminino, cisto, erisipela, ferida, alergia, infecção de mulher e cobreiro. As partes da planta mais utilizadas para esses tipos de enfermidades são: a folha, a raiz, o ramo (talo com folhas), o tronco, a casca, as flores e o leite da planta. Os modos de preparo mais utilizados são: o chá, a folha esmigalhada, o xarope, o lambedor, deixar a raiz de molho e beber a água, e tomar o sumo puro ou com leite. E, por fim, as formas de utilização mais usadas são: via oral, banho, fricção, aplicação no ouvido, banho de cabeça, massagem, banho de sentar.

Também, em ordem decrescente, foram organizadas, abaixo, as indicações de uso das plantas, citadas nesta pesquisa, para as questões da alma, que são: más energias, mal olhado, caningação, boas energias, enfeitado, defesa da casa, afastar espírito, malefícios, dificuldades financeiras, limpeza do ambiente, levantar o astral, perturbação, atrapalho, trazer o amor de volta, limpar a alma, quebranto, expulsar o que é ruim e “termômetro” da vida. Assim, também, as partes da planta mais utilizadas são: a folha, a palma, a planta toda e as flores. A utilização mais indicadas para o uso dessas plantas são: o banho, o banho de descarrego, cultivar a planta em casa para combater as más energias, o banho de força e a defumação da casa e/ou do ambiente. Existe, ainda, a indicação de uma planta que apenas com a presença do espírito ela fica murcha indicando o combate das possíveis más energias deixadas por esse espírito.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa realizada na comunidade Vila-que-era, Bragança-PA, norteada pelo interesse em compreender de que modo são intercambiados os conhecimentos tradicionais imbricados no léxico específico das plantas medicinais dessa comunidade, tanto em relação ao poder de cura, como de sua identificação pela comunidade, chega ao seu término com êxito, pois, como se pode perceber ao longo dessa dissertação, seus objetivos propostos inicialmente foram alcançados.

O glossário terminológico das plantas medicinais da comunidade Vila-que-era, Bragança-Pa, produto final e objetivo geral dessa dissertação, foi organizado, seguindo os critérios propostos pela Terminologia e Socioterminologia. O glossário é constituído de 87 (oitenta e sete) termos de plantas medicinais, seguidos das informações contidas na ficha terminológica e organizados de acordo com os seguintes campos semânticos: planta para curar enfermidades do corpo, planta para curar enfermidades da alma e planta para curar enfermidades do corpo e da alma. O aporte teórico da Tradução foi a ferramenta imprescindível para traduzir os conhecimentos tradicionais em torno dos termos e organizá-los nos campos. Seguindo os passos da Tradução, o estudo revelou, também, que as senhoras, sujeitos da pesquisa, definem plantas medicinais como vegetais que são utilizados para curar tanto enfermidades do corpo como da alma. Elas compreendem que para estar bem do corpo é necessário estar bem da alma, ou vice-versa.

Essas senhoras, consideradas *arquivos de genealogia*, revelaram muitos conhecimentos tradicionais em torno das plantas medicinais, tanto em relação às formas e opções de tratamentos, bem como no que diz respeito às suas indicações para a cura. Destaca-se ainda que muitas plantas, além de terem a finalidade de cura de enfermidades, também são utilizadas na alimentação, para perfumar roupas e na ornamentação do lar; e há outras plantas que são frutíferas, mas também são utilizadas como medicamentos.

Esses conhecimentos tradicionais são transmitidos oralmente, na maioria das vezes, de mãe para filha ou de curador para aprendiz por meio do discurso, principalmente, em momentos de diálogos informais em que, na prática, o mais experiente, quando solicitado, ensina ao aprendiz uma receita ou a indicação de uma planta medicinal, procurando sempre utilizar palavras que facilitem a compreensão dos termos utilizados, tanto termos das plantas, como termos de formas de uso, porém sempre se remetem ao termo propriamente dito, como

forma de mantê-lo em uso como desde seus ancestrais. É importante frisar que essa procura por tratamentos com plantas medicinais ainda ocorre em Vila-que-era, no entanto, a maioria das informantes demonstrou certo grau de preocupação com o “desinteresse” dos mais jovens em aprender a utilização das plantas. Portanto, o ciclo de transmissão desses conhecimentos de mãe/curador (transmissor do conhecimento) para filha/aprendiz, que em outro momento assume o primeiro papel, poderá ser prejudicado futuramente, segundo elas. Porém, somente, investigações futuras poderão responder se essa prática de cultivo e uso de plantas medicinais continua ou não.

Os resultados acima elencados respondem as hipóteses levantadas para a construção dessa dissertação. Assim, conclui-se que há um léxico específico das plantas medicinais nos falares populares da comunidade Vila-que-era, Bragança (PA), que envolve conhecimentos tradicionais em relação ao poder de cura das plantas medicinais; que a terminologia das plantas medicinais, na comunidade Vila-que-era, Bragança (PA), é um reflexo da cultura local e regional; que os termos que geraram denominações para as espécies vegetais são motivadas pelas necessidades de referência dessas espécies com a função que elas exercem no campo da cura; e que há também um trabalho de tradução, pelos mais velhos, no repasse desses conhecimentos aos mais jovens da comunidade investigada, como forma de facilitar esse intercâmbio.

Por fim, é possível concluir que os resultados dessa pesquisa responderam as hipóteses levantadas e alcançaram os objetivos propostos no início do trabalho. No entanto, este mesmo trabalho me incitou a dar continuidade à pesquisa e ampliá-la, pois há muitos pontos que merecem melhor aprofundamento, em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos arquivos da amazônia**. Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rio de Janeiro: Casa 8 / Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior), edição eletrônica.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

BURKE, Peter; HSIA, Po-chia R. (org.) **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

CABRÉ, M. Teresa (org.). **Terminología y modelos culturales**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: parábola, 2002.

CAMPELO, Cornélio Ramalho; RAMALHO, Rita de Cássia. Contribuição ao estudo das plantas medicinais no estado de Alagoas – VII. **Acta Botânica Brasílica, Feira de Santana**, vol. 2, no. 1, supl. 1, 67 – 72 (1989) supl.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v2n1s1/v2n1s1a07.pdf>>. Acessado em: 07/ 02/ 2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

FAULHABER, Priscila. **Etnografia na Amazônia e Tradução Cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendaju**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 15-29, jan.-abr. 2008.

FAULSTICH, Enilde. **Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua.** In: Correia, M.. (Org.). Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional. 1ed.Lisboa - PT: Lisboa, 2002, v. 1, p. 61-74.

_____. **Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** Ciência da Informação (Impresso), Brasília, v. 24, n.3, p. 281-288, 1995. Disponível

em: http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/03/pdf_bb636decd3_0008870.pdf Acessado em: 16/11/2015.

_____. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica.** Ciência e Cultura, São Paulo, v. 58, n.2, p. 27-31, 2006. Disponível em: cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf Acessado em: 23/11/2015.

_____. **Planificação linguística e problemas de normalização.** Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Impresso), v. 42, p. 247-268, 1998. Disponível em: piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4054/3718 Acessado em: 25/11/2015.

FOUCAUT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège De France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (série Leituras filosóficas).

FOGLIO, Mary Ann (*et. al.*) **Plantas Medicinais como Fonte de Recursos Terapêuticos: Um Modelo Multidisciplinar.** Revista Multiciência: Construindo a História dos Produtos Naturais, no. 7, outubro, p. 2006. Disponível em: <http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_07/a_04_7.pdf>. Acessado em: 08/02/2015.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HILL, Archibald Anderson (org.). **Aspectos da Linguística Moderna.** Tradução Adair Pimentel Palácio et al. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem.** 70. ed. Tradução: Maria Margarida Barahona. [S.l : s. n.], 1969 (Coleção Signos).

KRIEGER, Maria da Graça e FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Eva Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo : Atlas 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india
Acessado em: 03/12/2015

LAGES, Susana Kampff. **Benjamin: tradução e melancolia.** [São Paulo]: EDUSP, 2007.

LARA, Luis Fernando. Término y cultura: hacia teoria del término. In: CABRÉ, M. Teresa. **Terminología y modelos culturales.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999. Pag. 39-60.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación.** 2. ed. Barcelona: Laertes, 1996.

MAIA, Iracema. **Variação Terminológica em textos de especialidade – O caso do VIH / SIDA.** Dissertação (Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2010.

MARTINS, Anderson Geber (*et. al.*). **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil.** *Rev. Bras. Farm.*, 86(1), p.21-30, 2005. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/jspui/bitstream/123456789/184/1/Rev%20Bras%20Farm%20v86%20n1%202005%20JARDIM.pdf>. Acessado em: 07/02/2015.

MIRANDA, Claudionor do Carmo & JORDÃO, Miguel. **Saberes tradicionais: alternativas para a sustentabilidade das práticas agrícolas na perspectiva dos índios terena de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande-MS: Tellus, ano 5, n. 8/9, abr./out. 2005, p. 165 – 173. Disponível em: [ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus8_9/TL8e9_Claudionor do Carmo Miranda Miguel Jord %E3oi.pdf](ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus/tellus8_9/TL8e9_Claudionor_do_Carmo_Miranda_Miguel_Jord%E3oi.pdf). Acesso em: 15 de set. de 2011.

OLIVEIRA, José Ribamar Gomes de. **De Vila Cuera a Bragança.** Bragança, PA: Associação Sócio-Cultural e Recreativa de Bragança, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

PASSEGGI, Luis. A. S. **A definição do termo. Aspectos semânticos e aspectos pragmáticos.** Anais do II Simpósio Latino Americano de Terminologia, Brasília: IBICT, União Latina, v. 1, p. 325-330, 1992.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é como se Lê.** Fortaleza: EdUECE, 2009.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. **Glossário socioterminológico da cultura da farinha.** Dissertação de mestrado do Programa de Mestrado em Letras (Linguística). Universidade Federal do Pará. Belém – Pará, 2010.

_____, Elias Maurício da Silva. **Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense.** Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

SIQUEIRA, José Leôncio Ferreira de. **Trilhos: O Caminho dos Sonhos (Memorial da Estrada do Ferro de Bragança).** Bragança, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/site/museu-da-funasa/sucam/> acessado em: 30/12/2015.

VAN SETERS, John. **Em busca da História: Historiografia do Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

VOESE, Ingo. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 13)

VYGOTSKY. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** Tradução Marta Kohl de Oliveira. São Paulo-SP: Scipione, 1993.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA

QUESTIONÁRIO PARA TRAÇAR O PERFIL DO ENTREVISTADO

Data: _____

Identificação do informante

1. Nome:
2. Sexo:
3. Data de nascimento:
4. Idade:
5. Naturalidade:
6. Endereço:
7. Até que série o (a) senhor (a) estudou? (escolaridade)
8. Há quanto tempo vive nesta comunidade?
9. Há quanto tempo o (a) senhor (a) mora neste endereço?
10. O(A) Sr. (a) trabalha em que? (ocupação)
11. O(A) Sr. (a) costuma ir constantemente ao médico?
12. Faz uso de remédios farmacológicos ou remédios caseiros para se curar de doenças?
13. Para que tipo de doença o (a) Sr. (a) usa remédios farmacológicos?
14. Para que tipo de doença o (a) Sr. (a) faz uso de remédios caseiros?
15. O (A) Sr.(a) cultiva plantas medicinais em seu quintal?
16. Qual o seu objetivo ao cultivar plantas medicinais? (para consumo próprio, venda da planta, fabricação de remédio, venda fabricação de remédios sem custos para outrem)
17. O (A) Sr.(a) ensina alguém a cultivar plantas medicinais?
18. Como o (a) Sr. (a) faz para ensinar alguém a cultivar plantas medicinais?
19. O (A) Sr.(a) ensina os mais jovens a fazer remédios com as plantas medicinais?
20. Na hora de ensinar, como o (a) Sr. (a) faz para eles entenderem as palavras que desconhecem?
21. O (A) Sr. (a) ensina alguém a fazer remédios com as plantas medicinais?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA
AMAZÔNIA

QUESTIONÁRIO ETNOBOTÂNICO

Data: _____

Identificação individual para cada planta:

1. Nome da planta:
2. Nome científico: (**não será utilizado no dia da pesquisa com o sujeito da pesquisa**)
3. Essa planta é conhecida por outro nome?
4. Para que doença é utilizada?
5. Qual é a parte da planta usada? (será realizada esta pergunta para cada doença que a planta for utilizada)
6. Como é preparado o remédio?
7. Como se usa o remédio?
8. Quem lhe ensinou o uso?
9. O (A) Sr. (a) conhece alguém que ficou curado com o uso dessa planta?
10. Como o (a) Sr.(a) faz para ensinar alguém a cultivar e usar esta espécie?
11. Quais são os cuidados que se deve ter para o cultivo desta planta?